

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE MEDICINA  
DEPARTAMENTO DE MEDICINA SOCIAL  
ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE PÚBLICA

HELENA SALGUEIRO LERMEN

PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS MORADORES DA  
VILA PARQUE SANTA ANITA - PORTO ALEGRE

PORTO ALEGRE

2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE MEDICINA  
DEPARTAMENTO DE MEDICINA SOCIAL  
ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE PÚBLICA

HELENA SALGUEIRO LERMEN

**PERCEPÇÃO AMBIENTAL DOS MORADORES DA  
VILA PARQUE SANTA ANITA – PORTO ALEGRE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
como requisito parcial para obtenção do  
Certificado de Especialização em Saúde Pública.

Orientador: Prof. Dr. Paul Douglas Fisher

Porto Alegre

2008

Dedico este trabalho de conclusão aos meus pais.

## AGRADECIMENTOS

Aos moradores da Vila Parque Santa Anita, especialmente os nove fotógrafos, que tornaram possível a realização desta pesquisa.

Ao Professor Doutor Paul Douglas Fisher, por sua orientação e tempo dispensado.

À minha mãe, que foi a maior incentivadora deste trabalho e que tanto me apoiou.

Ao meu pai, que conseguiu me “contagiar” com seu amor pela saúde pública.

À dinda Dirce, aos meus irmãos e à Jade, por toda paciência, amizade e carinho.

Aos colegas de curso, que tanto me acrescentaram profissional e pessoalmente.

Aos professores do curso, que mudaram para sempre a minha visão de mundo.

À Raquel Barreto, sempre atenciosa e disposta a ajudar.

De tal modo tornamos absoluta a noção de lixo, que abordá-la como uma questão simbólica representa quase uma exigência de se fazer uma psicanálise de nossa relação com ele. [...] Como resultado desta psicanálise, talvez consigamos evitar projetar sobre outras populações e sensibilidades, passadas ou contemporâneas, das nossas ou de outras sociedades, os nossos sistemas de pensamentos, sentimentos e atitudes. Talvez consigamos evitar que tratemos nossas atitudes relativas ao lixo como se fossem verdades absolutas.

José Carlos Rodrigues

## RESUMO

Através de uma abordagem quanti-qualitativa, foi realizado um estudo descritivo que busca expor as características dos moradores em relação ao meio ambiente da vila. É também um estudo comparativo entre a percepção ambiental dos que trabalham com coleta de lixo e os que não realizam esta tarefa. 85 pessoas, 13 dessas catadores, responderam um questionário de questões fechadas. Foram distribuídas a cinco catadores e quatro moradores que não desempenham este tipo de atividade uma câmera fotográfica para que registassem imagens do meio ambiente, poluentes e causadores de doenças dentro da vila. A análise quantitativa dos questionários foi feita por planilhas e a análise das fotos por métodos qualitativos. A amostra revela que a maior escolaridade gera um maior senso crítico, porém este não leva necessariamente a uma maior consciência ambiental, tampouco a uma maior auto-responsabilidade pelo meio ambiente. Em relação ao comparativo entre catadores e não-catadores, percebe-se que a visão dos primeiros sobre meio ambiente está diretamente relacionada ao seu trabalho. Os catadores adoecem mais de doenças dérmicas e respiratórias e os não catadores de problemas gastrointestinais. Sobre as fotos do meio ambiente, os fotógrafos preferiram retratá-lo saudável, independentemente do nível de escolaridade ou profissão. Já a percepção e registros fotográficos dos geradores de poluição e prejuízos a saúde estão vinculados à escolaridade, ocupação e interação com o meio.

Unitermos : percepção, meio ambiente, lixo, doenças, educação ambiental.

## LISTRA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1: Escolaridade dos moradores entrevistados.....	24
Gráfico 2: A internet como fonte de aprendizagem sobre o meio ambiente, por escolaridade.....	24
Gráfico 3: Percepção da existência de problemas de meio ambiente na comunidade, por escolaridade.....	25
Gráfico 4: Percepção da gravidade dos problemas ambientais, por escolaridade.....	25
Gráfico 5: Você não se importa com o meio ambiente da vila. Comparativo entre escolaridade.....	26
Tabela 1: Percepção das causas dos problemas ambientais. (porcentagem geral).....	26
Tabela 2: Percepção das causas dos problemas ambientais, por escolaridade.....	27
Tabela 3: Para melhorar o meio ambiente, você: (porcentagem geral).....	27
Tabela 4: Para melhorar o meio ambiente, você estaria disposto a: (porcentagem geral).....	27
Tabela 5: Ordem de responsabilidade pelo meio ambiente da vila (ordenação geral).....	28
Tabela 6: Ordem de responsabilidade pelo meio ambiente da vila, por escolaridade.....	28
Gráfico 6: Percepção de saúde, por escolaridade.....	29
Tabela 7: Poluição é (Comparativo entre ocupações).....	29
Gráfico 7: Você não se importa com o meio ambiente da vila Comparativo entre ocupações....	30
Gráfico 8: Existência de problemas de meio ambiente na comunidade, por ocupação.....	30
Tabela 8: Percepção de poluentes e desperdícios como problemas ambientais, por ocupação.....	31
Tabela 9: Percepção da gravidade dos problemas de meio ambiente na comunidade, por ocupação.....	31
Tabela 10: Para melhorar o meio ambiente, você: (comparativo por ocupação).....	31
Tabela 11: Com quais poluentes você tem contato em suas atividades diárias? (comparativo por ocupação).....	32
Gráfico 9: Percepção de saúde, por ocupação.....	32
Gráfico 10: Percepção de doenças dérmicas, por ocupação.....	33
Tabela 12: Quando foi a última vez que percebeu em si a problemas de pele?.....	33
Gráfico 11: Percepção de doenças respiratória, por ocupação.....	33

Tabela 13: Quando foi a última vez que percebeu em si problemas de pulmão?.....	34
Gráfico 12: Percepção de doenças gastrointestinais, por ocupação.....	34
Tabela 14: Quando foi a última vez que percebeu em si problemas de estômago ou intestino?.....	34
Foto 1 – Animal - Meio ambiente da vila.....	35
Foto 2 – Plantas e árvores - Meio ambiente da vila.....	35
Foto 3 – Pessoa - Meio ambiente da Vila .....	36
Foto 4 – Pessoas, casas e árvores - Meio ambiente da vila.....	36
Foto 5 – Jardim de casa - Meio ambiente da vila.....	36
Foto 6 – Praça – Meio ambiente da vila.....	36
Foto 7– Lixo no Arroio – Gera poluição na vila .....	37
Foto 8 – Lixo no Arroio – Gera poluição na vila.....	37
Foto 9 – Sujeira amontoadada – Gera poluição na vila.....	38
Foto 10 – Sujeira amontoadada – Gera poluição na vila.....	38
Foto 11 – Rato - Perigoso para a saúde.....	40
Foto 12 – Rato - Perigoso para a saúde.....	40
Foto 13– Pneus – Perigoso para a saúde.....	40
Foto 14 – Fumaça – Perigoso para a saúde.....	41
Foto 15 – Fumaça – Perigoso para a saúde.....	41
Foto 16 – Barro –Perigoso para a saúde.....	42
Foto 17 – Barro –Perigoso para a saúde.....	42



## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1 Definição do tema.....	11
1.2 Justificativa.....	12
1.3 Objetivos.....	12
1.3.1 Objetivo geral.....	12
1.3.2 Objetivos específicos.....	12
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	13
2.1 Procedimentos de coleta de dados.....	13
2.2 Procedimentos de análise.....	14
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
3.1 Percepção ambiental.....	15
3.2 Políticas públicas.....	17
3.2.1 Educação ambiental.....	18
3.3 O lixo, a exclusão e a saúde.....	20
3.3.1 Doenças causadas pelo lixo.....	22
4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	23
4.1 Dados demográficos da amostra.....	23
4.2 Escolaridade não é sinônimo de ação.....	25
4.3 Percepção de saúde e doença – escolaridade.....	28
4.4 Catadores X não catadores.....	29
4.5 Percepção de saúde e doença – ocupação.....	32
4.6 As fotografias .....	35
4.6.1 Meio ambiente.....	35
4.6.2 Geradores de poluição.....	37
4.6.3 Perigos à saúde.....	39
5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	43
6. CONCLUSÃO.....	53
REFERÊNCIAS.....	55
ANEXO A.....	58
ANEXO B.....	61
ANEXO C TERMO DE CONSENTIMENTO (questionário).....	62
ANEXO D TERMO DE CONSENTIMENTO (fotografias).....	63

## 1. INTRODUÇÃO

A Vila Parque Santa Anita, situada no bairro Nonoai, zona sul de Porto Alegre, surgiu há aproximadamente 30 anos, quando uma família se instalou à beira do Arroio Passo Fundo. Contam os moradores mais antigos que, quando chegaram, o arroio era cristalino e cheio de vida. Muitos moradores utilizavam a pesca como parte da alimentação da família, chegando inclusive a comercializar parte do pescado, tamanha sua abundância. O povoamento da vila deve-se, em grande parte, ao arroio, pois foi ao redor deste que se instalaram os primeiros moradores.

Hoje em dia o Arroio Passo Fundo encontra-se extremamente poluído. Várias campanhas de retirada de resíduos do arroio já foram promovidas pela Prefeitura de Porto Alegre e pela Associação de Moradores, mas nenhuma conseguiu conscientizar a população local, que logo voltava a jogar lixo nas águas. Acrescente-se que o caminhão do Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU) passa três vezes por semana na vila.

A população da Vila Parque Santa Anita possui baixa escolaridade e enfrenta exclusão quanto do mercado de trabalho. A compreensão da percepção ambiental dos moradores da vila permite entender como se dá a relação deles com o meio ambiente, bem como possibilitará o planejamento de um futuro projeto de educação ambiental que consiga ser efetivo em seus objetivos de conscientização ambiental e mudança de comportamento. Segundo Machado (1996 apud Profes, 2006 p. 45):

Deve-se considerar a percepção dos moradores como uma informação de grande importância no estudo das relações entre o homem e o ambiente, tendo em vista que há uma profunda diferença entre um cenário descrito e estudado, e um cenário experienciado e vivido.

O presente trabalho descreve, portanto, a percepção que os moradores da Vila Parque Santa Anita têm sobre o meio ambiente. Para isso, tem como objetivos específicos comparar a percepção ambiental entre os moradores que trabalham com coleta de lixo e os que não exercem essa atividade; identificar quem os moradores consideram responsáveis pela qualidade ambiental da vila e onde eles se colocam na lista; identificar as fontes de conhecimento da comunidade sobre meio ambiente; levantar a percepção dos moradores sobre saúde e doenças possivelmente decorrentes da qualidade ambiental.

## 1.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

De acordo com dados do Diagnóstico Sócio-ambiental da Vila Parque Santa Anita, realizado pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da PUC-RS no período de abril de 2004 a janeiro 2005, a Vila Parque Santa Anita é constituída de 132 domicílios, com uma população aproximada de 500 pessoas. Para ter acesso à energia elétrica, muitos se valem de ligações clandestinas (os "gatos"), e 20 % dos moradores não tem acesso à água potável. Cabe ao Arroio Passo Fundo receber todo o esgoto da região e ser uma grande "lixreira" da comunidade, apesar de o caminhão de lixo passar dentro da Vila e de 99% da população local afirmar que participa da coleta. Já aconteceram vários mutirões de retirada de lixo do arroio, promovidos pela Prefeitura de Porto Alegre, mas poucos dias depois a comunidade voltava a poluir com os mais diversos objetos domésticos, especialmente latas de alumínio e sacolas plásticas. Há também um grupo de carroceiros que acumula no terreno onde vivem uma impressionante quantidade de lixo que coletam na cidade. A Associação de Moradores da Vila Parque Santa Anita (ASMOVISA) já tentou criar um galpão de reciclagem, mas a população local de catadores não aderiu à idéia.

Diagnóstico sócio-ambiental revela também que metade das pessoas aptas para o mercado de trabalho está encontra-se empregada, mesmo que de forma informal. No entanto, a renda familiar de 35 % da população é de 1 a 2 salários mínimos, e de 68% está abaixo de 3 salários mínimos. O rendimento mensal familiar *per capita* de 52,8 % é de até meio salário mínimo, e de 23% é de até um quarto de salário mínimo. Além disso, o nível de escolaridade da população da vila é baixo – 67 % não concluíram o ensino fundamental, e não participaram de cursos após a saída da escola, o que torna a inserção no mercado de trabalho formal bastante complicada. Para resolver os problemas da vila, como o saneamento, a despoluição do arroio, o calçamento e a questão das moradias, 65 % dos moradores confiam na Associação de Moradores local, 39 % contam com o governo e 19 % acreditam que o esforço conjunto dos moradores pode levar às soluções de suas dificuldades.

Este trabalho tem como hipótese que os problemas de lixo estão associados com a percepção ambiental e como hipótese nula que não são associados. Esta hipótese foi criada, pois acredita-se que a percepção ambiental é determinante para a forma como os sujeitos interagem no meio. Ou seja, os riscos ambientais são consequência do comportamento e representam um problema de saúde pública, por afetarem a qualidade de vida de toda a comunidade da vila. Tendo em vista os dados epidemiológicos da Vila Parque Santa Anita,

bem como a relação que a comunidade vem tendo com o Arroio Passo Fundo, buscou-se descrever a percepção ambiental dos moradores, ou seja, como entendem o meio ambiente e o lixo.

## **1.2 JUSTIFICATIVA**

A Vila Parque Santa Anita é uma das áreas de vulnerabilidade social de Porto Alegre, na qual os habitantes encontram-se constantemente excluídos do mercado de trabalho e do acesso à educação formal, gerando condições de vida precárias, agravadas por um baixo nível de consciência quanto à responsabilidade pessoal e efetividade da participação comunitária como meio de conquistar as melhorias necessárias em sua comunidade. A Associação vem, ao longo dos anos, trabalhando com crianças e adolescentes questões ecológicas e cidadãs, buscando criar uma rede de multiplicadores da causa. A autora deste trabalho é voluntária na Vila Parque Santa Anita há três anos e acompanhou pessoalmente as medidas tomadas pela Prefeitura e pela Associação de Moradores, notando que tais medidas não obtiveram resultados esperados. Compreender a percepção ambiental desta comunidade e trabalhar a partir deste olhar específico pode ser um meio de tornar eficazes futuros projetos de educação ambiental promovidos pela Prefeitura e pela ASMOVISA, pois a população local já demonstrou que apenas a retirada de resíduos e objetos do arroio não é suficiente para uma mudança de comportamento.

## **1.3 OBJETIVOS**

### **1.3.1 OBJETIVO GERAL**

Descrever a percepção que os moradores da Vila Parque Santa Anita têm sobre o meio ambiente.

### **1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

1. Comparar a percepção ambiental entre os moradores que trabalham com coleta de lixo e os que não exercem essa atividade;
2. Identificar quem os moradores consideram responsáveis pela qualidade ambiental da vila e onde eles se colocam na lista
3. Identificar as fontes de conhecimento da comunidade sobre meio ambiente;
4. Levantar a percepção dos moradores sobre saúde e doenças possivelmente decorrentes da qualidade ambiental.

## **2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Trata-se de um estudo descritivo, pois busca expor as características da população da Vila Parque Santa Anita em relação ao meio ambiente, ao lixo e à poluição da vila. É também um estudo comparativo representativo entre a percepção ambiental dos que trabalham com coleta de lixo e os que não exercem essa atividade.

A abordagem quantitativa permite uma análise estatística que mede opiniões e atitudes (LANDIM, LOURINHO, LIRA et al 2006). Já o método qualitativo busca maior aprofundamento na subjetividade dos sujeitos observados, oferecendo-lhes maior liberdade para expressão. Neves (1996) enfatiza a mistura destes dois procedimentos como forma de contribuição importante para a compreensão dos fenômenos. Optou-se pela integração desses dois métodos foi escolhida, pois a presente pesquisa visou não apenas a medidas confiáveis geradas por indicadores observáveis, como também a à compreensão das lógicas de ação e normas culturais de determinado grupo em seu contexto. (LANDIM, LOURINHO, LIRA et al 2006, p. 55). Morse (1991, apud Neves, 1996) caracteriza como “triangulação simultânea” a união entre os dois métodos e salienta que eles têm pouca interação durante a coleta de dados, mas que se complementam no processo de análise.

### **2.1 COLETA DE DADOS**

A pesquisa foi realizada com 85 moradores, 13 destes catadores de lixo. Os critérios para a escolha dos participantes foram a residência na vila e a idade mínima de 16 anos. Essa amostra representa 28% da população local dentro desta faixa etária.

Como instrumento de coleta de dados do método quantitativo foi utilizado um questionário (anexo A) composto por questões fechadas, previamente definidas, caracterizando um levantamento, pois envolve a interrogação direta das pessoas cujo comportamento e opiniões se desejam conhecer. Os questionários foram aplicados entre os dias 02 de abril de 2008 e 02 de maio de 2008, através de visitas domiciliares feitas pela autora e um voluntário.

Já o método qualitativo caracterizou-se pela proposta de um novo instrumento: a distribuição de nove câmeras fotográficas descartáveis a moradores que participaram do questionário. Foram escolhidos cinco catadores e quatro moradores que não trabalham com

lixo e que não tenham familiares realizando este tipo de tarefa. Durante o mês de maio distribuí-se a cada um dos nove selecionados uma câmera fotográfica, com o pedido que tirassem seis fotos da vila (anexo B). As câmeras foram devolvidas à autora, que se encarregou da revelação das fotos. Com as fotos em mãos, foi solicitada ao fotógrafo a explicação de cada uma das imagens registradas por ele. As fotografias possibilitaram capturar o olhar das pessoas, e sendo o objetivo maior deste projeto a compreensão da percepção ambiental, o uso de imagens foi uma escolha natural. Tal escolha se fundamenta no conceito de “imagens ambientais” descrito por Lynch (1999) em seu estudo sobre a fisionomia das cidades e a percepção que as pessoas têm dos centros urbanos. Quando houve consentimento, as entrevistas foram gravadas.

Em relação aos procedimentos éticos, foi entregue um termo de consentimento livre e esclarecido ao morador antes da entrevista (anexo C), para que este soubesse quais seriam os fins da pesquisa, bem como tivesse seus direitos assegurados no que diz respeito à preservação da sua identidade, à autorização do uso do material coletado e ao poder de recuar na decisão. Aos moradores fotógrafos foi entregue um segundo termo de consentimento (anexo D).

## **2.2 ANÁLISE DE DADOS**

Em relação aos dados quantitativos, nas perguntas que envolvem mais de uma escolha, foram consideradas todas as respostas, sem grau de preferência ou pontuação.

Os dados levantados com o universo dos catadores e a amostra da população foram apresentados em forma de tabelas ou gráficos, sendo que os resultados dos questionários realizados com os catadores tiveram uma análise comparativa com o resultado dos demais entrevistados. Houve também comparações entre as respostas obtidas e o grau de escolaridade dos entrevistados.

O método de análise qualitativa utilizado foi a análise de conteúdo, ou seja, as mensagens e observações foram interpretadas de modo a tornar possível uma compreensão dos significados dos resultados e fenômenos encontrados, fazendo um paralelo com a fundamentação teórica vista. Moraes (1999) enfatiza a importância do sentido simbólico na análise de conteúdo qualitativa, pois esse não é necessariamente manifesto ou com um único significado. Portanto,

esse procedimento de análise de dados permitiu um maior aprofundamento dos levantados nos questionários. As fotos tiradas pelos moradores captaram e criaram uma idéia mais acurada a respeito da percepção que eles têm sobre o meio ambiente. Através das entrevistas, foi possível uma interpretação mais fiel das intenções do fotógrafo, sendo um complemento importante na avaliação do problema proposto pelo presente trabalho.

A principal limitação do estudo foi o baixo número de catadores que participaram da pesquisa. O número total de entrevistados também ficou abaixo do esperado. Estes fatos se devem à reduzida disposição da comunidade em responder o questionário. Entretanto, aqueles que receberam as câmeras demonstraram muito interesse na atividade. As imagens registradas pelos moradores foram, sem dúvida, o ponto alto do trabalho.

### **3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

#### **3.1. PERCEPÇÃO AMBIENTAL**

O dicionário Michaelis (2000) diferencia a percepção em externa e interna. A primeira relaciona-se aos sentidos, e a segunda à consciência. A percepção externa, por seu caráter sensorial, permite a ligação do homem tanto com a diversidade biológica e instintiva, quanto com aspectos culturais do ambiente. (MARIN, OLVEIRA e COMAR, 2006, apud SILVA, 2006). Entre os sentidos, a visão tem destaque entre os seres humanos. Tuan (1980, apud Palma, 2005) afirma que o que vemos pode estar fisicamente próximo, mas ser considerado como algo distante, por não provocar respostas emocionais mais intensas.

Palma (2005) enfatiza que, para que se possa de fato perceber algo, é fundamental que se possua algum tipo de interesse no objeto de percepção. Os paradigmas e os conhecimentos de cada um são bases fundamentais do interesse e permitem que cada ser humano possua uma percepção única para o mesmo objeto. Já Okamoto (1996, apud Palma, 2005) afirma:

Pela mente seletiva, diante de um bombardeio de estímulos, são selecionados os aspectos de interesse ou que tenham chamado a atenção, e só aí que ocorre a percepção (imagem) e a consciência (pensamento, sentimento), resultando em uma resposta que conduz a um comportamento.

A percepção ambiental está intimamente ligada à cultura, história, experiência, tempo e espaço de cada pessoa. Ribeiro (2004, apud Silva, 2006), ressalta o aspecto social da percepção ambiental, dizendo que não se restringe em instigar o que é natureza, mas notar que a interação entre as pessoas em si atinge e direciona a convivência com ela e vice-versa.

Lynch estudou bastante a percepção ambiental, criando o conceito de “imagens ambientais”. Para o autor, as imagens ambientais são resultantes “de um processo bilateral entre o observador e seu ambiente”. (LYNCH, 1999, p.8). Enquanto o meio possui suas especificidades, o observador, de acordo com seus objetivos, seleciona, processa e significa aquilo que vê. Ressalta que a imagem pode ser percebida de formas distintas por diferentes pessoas, pois varia de acordo com a forma como foi significada, bem como pelas experiências pessoais que o observador viveu. Entretanto, Lynch afirma que, por mais pessoais que as imagens sejam, parece haver um consenso importante entre membros de mesmo grupo. Lynch (1999, p. 18) propõe o conceito de “imaginabilidade”, ou seja, “a característica, num objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado”.

A Psicologia Ambiental surgiu na década de 70 como uma forma de estudar a percepção ambiental. Segundo Moser (2005), é entendida como o “estudo das interrelações entre o indivíduo e seu ambiente físico e social, nas suas dimensões espaciais e temporais”. (MOSER, 2005). A psicologia ambiental é bidirecional, pois existe o diálogo do sujeito, através de suas percepções e comportamentos, com seu contexto. (CARVALHO, 1993). O ambiente é ao mesmo tempo determinante e determinado. Isto configura um sistema aberto, pois o fenômeno é analisado considerando tanto o meio como o sujeito.

Gifford (1987, adup Profes, 2006, p. 44) enfatiza que, diferentemente da percepção de objeto feita pela psicologia, a percepção ambiental rompe com a caracterização de sujeito-objeto, pois o sujeito é “parte da cena percebida, se desloca por ela, assumindo múltiplas perspectivas”.

David e Weinstein (1987, apud Carvalho, 1993) ressaltam que o ambiente físico comunica a intenção e valores das pessoas inseridas, possuindo, portanto um caráter simbólico. A participação dentro de cada meio é determinada pelo contexto social em que o ambiente físico se situa. O cenário é um grande regulador comportamental.



Contudo, a lógica ocidental, que tem nos centros urbanos sua expressão máxima, tende a generalizações. Estas excluem a relevância dos processos psíquicos e sociais, que não apenas configuram a singularidade humana, mas também são determinantes para a qualidade de vida do meio urbano. (TASSARA, 2005). Baker (1968, apud Carvalho, 1993, p. 439) aponta que “pessoas individuais, habitando o mesmo ambiente ecológico, diferem em atributos psicológicos e, portanto, seus comportamentos também são diferentes”. Bronfenbrenner (1977) confere mais relevância ao ambiente que as pessoas. Para o autor, esta percepção é resultado tanto dos microssistemas, como escola e local de trabalho, dos exossistemas, como características próprias do bairro em que o sujeito se insere e meios de comunicação que utiliza, e dos macrossistemas, que envolvem processos econômicos, sociais, educacionais, políticos e ideológicos.

Katz (1975, apud Silva 1998) aponta que o homem necessita de congruência entre cognição e afeto. Quando sente que não está em coerência cognitiva, muda suas atitudes para eliminar essa incompatibilidade. Esta pode resultar na diferença entre crença e comportamento ou até mesmo em ações contraditórias. Tudo está condicionado à representação cognitiva que cada indivíduo atribui ao fato.

Investigar as formas como se dá a interação do homem com o seu meio permite a construção do conhecimento a respeito das relações entre a subjetividade e a consciência ambiental.

### **3.2 POLÍTICAS PÚBLICAS**

Todos têm o direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo para as presentes e futuras gerações.

Art. 225 (CONSTITUIÇÃO FEDERAL DO BRASIL, 1988)

As políticas públicas voltadas para as causas ambientais devem contar com a atuação da sociedade como um todo, pois se sabe por experiência que programas de resolução de problemas urbano-ambientais são ineficazes quando desconsideram a atuação do cidadão, conferindo a este apenas o grau de destinatário passivo. Quando a população efetivamente participa dos processos de decisão e de implementação das políticas públicas, obtêm-se resultados mais dinâmicos (CUCHUKOS, ZMITROWICZ, 2002).

Os autores ressaltam ainda que as demandas sociais para a resolução de questões referentes ao lixo surgem quando esse passa a ser um incômodo para o cidadão ou seus vizinhos e quando se percebe que o lixo pode trazer prejuízos. Sommer ([199-], adup Cuchukos, Zmitrowicz, 2002) observa que “estudos sobre problemas ambientais provam, de maneira bastante clara, que a falha não está na falta de informação ou no desconhecimento dos problemas, mas na sensação de ação individual ou coletiva até eles”. Sugere-se que a população não reconhece como parte de si o meio ambiente em que está inserido, não se apropriando e, conseqüentemente, não se responsabilizando pelos espaços públicos.

### **3.2.1 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Constitucionalmente, para garantir o direito de qualidade do meio ambiente aos cidadãos, o Poder Público deve promover a educação ambiental e a conscientização da população a respeito da preservação do meio ambiente. A legislação prevê que tal educação seja feita em todos os níveis de ensino. O país conta com o Programa Nacional de Educação Ambiental, e alterações do Ministério da Educação incluíram a educação ambiental como tema transversal do currículo.

Conforme Palma (2005), o principal objetivo da educação ambiental é levar às pessoas um meio de compreensão da complexidade do meio ambiente e da percepção de que os elementos ambientais, o tempo e o espaço são interdependentes. Salienta-se, contudo que as condições sociais, econômicas, culturais e ecológicas de cada sociedade e região são determinantes para definição de metas e ações. A educação ambiental busca não apenas a conscientização ecológica dos cidadãos, através da transmissão de conhecimento, mas também a promoção de mudanças de comportamentos em relação ao meio ambiente, tanto na esfera individual como na responsabilidade social.

Em relação às formas pedagógicas, Capra (2003) vê na arte (cênica, visual, musical...) um grande instrumento de educação ambiental das crianças, pois além de reforçar a dimensão emocional, tem sido reconhecida como um meio essencial do processo de aprendizagem.

Em Porto Alegre, o Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU) tem, desde 1989, a gestão do lixo baseada nos princípios da Educação Ambiental. Por meio de palestras e eventos realizados pelo Serviço de Assessoria Socioambiental (Sasa) da Divisão de Projetos

Sociais, Reaproveitamento e Reciclagem (DSR) e pelo Túnel de Sensibilização Ambiental, situado na sede do DMLU, visa à maior conscientização sobre a importância de cada um na limpeza da cidade e preservação do meio ambiente.

Outra fonte importante de conhecimento, não apenas relativo ao meio ambiente, é a internet. O Programa de Inclusão Digital do Governo Federal prevê o acesso de comunidades carentes e rurais ao meio virtual. O site do Ministério da Ciência e Tecnologia apresenta um levantamento sobre iniciativas de inclusão digital no Brasil. A região sul está em terceiro lugar, com 23% dos pontos de inclusão digital (PIDs) do País, perdendo para as regiões sudeste (43%) e nordeste (31%). O Rio Grande do Sul é o sétimo estado nacional em números de PIDs.

Cabe também ressaltar o papel que a mídia tem como meio de aquisição de conhecimento e como formadora de opinião. Canuto (1996 adup Silva 1998) coloca a mídia como democratizadora da questão ambiental, pois levou o debate às pessoas menos instruídas. O autor afirma que diferentes públicos têm diferentes percepções, e observa que a elite tem se interessado cada vez mais pela ecologia. D' Amorin (1996, apud Silva 1998) nota o que a mídia deseduca, por estimular o consumismo e desperdícios que afetem diretamente o meio ambiente. A mesma autora enfatiza que a imprensa nacional tende a noticiar denúncias de agressões à natureza em detrimento de ações sociais e educação ambiental.

Santos ([200-]) diz que a educação ambiental deve estar associada em todas as disciplinas escolares, tanto no ensino fundamental quanto no médio. Já no ensino superior, deve estar ligada às futuras escolhas profissionais, buscando sempre opções ecologicamente corretas. O autor ressalta ainda a importância do senso crítico neste processo, pois permite a construção da opinião própria, e não o mero consumo passivo de informações que são passadas pela mídia. Santos ([200-]) enfatiza a importância da mudança de paradigmas para a efetividade de ações ambientais, bem como o papel das crianças neste processo, através de uma participação gradativa nas decisões políticas, a fim de que percebam o real sentido da cidadania. O autor ressalta que a criança que se desenvolve no meio de forma submissa e passiva tenderá a ser assim ao longo de sua vida.

Portanto, a escola é um importante meio de conscientização e construção da cidadania. Contudo, Paro (1997) questiona de que forma este processo vem se dando. O autor ressalta

que cerca de 40 anos atrás, a escola pública abrigava os filhos de camadas médias e altas da sociedade. O ensino público não tinha como princípio básico que seus alunos exercitassem a autonomia e se instruissem para seus direitos como cidadãos, pois estes já eram garantidos pela posição social em que estavam.

Entretanto, o acesso à escola pública foi democratizado, mudando seu público, mas não seus métodos ou fins. Paro (1997) aponta que a queda da qualidade do ensino público consiste no fato de que não consegue atingir os reais objetivos de seu público atual. A escola permanece tradicionalmente formando pessoas para o mercado de trabalho e ingresso em universidades, mas o autor questiona até que ponto tais finalidades são relevantes aos alunos de camadas populares. Paro (1997, p. 87) não discute o direito universal ao ensino, mas sim o foco que a educação mantém, afirmando que o preparo para a cidadania deve ser objetivo prioritário no ensino público, pois trata de um questão de interesse direto e imediato da camada popular:

Pelo conhecimento da realidade social contraditória que vivem, das injustiças que são objetos e das alternativas de superação da situação atual, essas camadas podem se afirmar enquanto sujeitos históricos em sua luta política pela superação da atual organização econômica e social.

Prosseguindo a discussão, Del Pino (2002) afirma que as reformas educacionais buscam a adequação às exigências de um mundo globalizado e neoliberal, em que formação profissional são as questões técnicas de eficiência e ineficácia. Fixa-se, portanto, a necessidade de constantes qualificações para o mercado de trabalho. Tal qualificação, primordialmente, caberia a escola, porém sabe-se que a forma e qualidade do ensino que a pessoa receberá está diretamente relacionada à camada social em que está inserida. Logo, não é a escola que define o futuro posto profissional que os alunos se colocarão, e sim o berço que tiveram. Frigotto (1998, apud Del Pino, 2002) nota o desvio da responsabilidade social para a espera pessoal. O mercado exige qualificação e cabe a cada um obtê-la. Sem possuir especialidades requisitadas, a população pobre busca a ocupação informal, sobrevivendo como pode no sistema capitalista vigente.

### **3.3 O LIXO, A EXCLUSÃO E A SAÚDE**

Lixo é tudo aquilo que é produzido pelo seres humanos, numa conjugação de esforços do telencéfalo altamente desenvolvido com o polegar opositor [...] Uma cidade como Porto Alegre, habitada por mais de 1 milhão de seres humanos, produz cerca de 500 toneladas de lixo por dia. O lixo atrai todo o tipo de germes e bactérias, que por sua vez causam doenças. As doenças prejudicam seriamente o bom

funcionamento dos seres humanos. Mesmo quando não provoca doenças, o aspecto e o aroma do lixo são extremamente desagradáveis. Por isso, o lixo é levado para determinados lugares, bem longe, onde possa livremente sujar, cheirar mal e atrair doenças.

FURTADO (Ilha das Flores, 1989)

O lixo é consequência inevitável das sociedades. Rodrigues (1999) aponta que o modelo industrial e de consumo constitui inevitavelmente uma civilização de dejetos. Entretanto, tal modelo que aspira acúmulos de riquezas não consegue aceitar como parte do sistema o lixo, pois este é a imagem e símbolo de algo que perdeu sua utilidade e valor. Cabral (2001, p. 47) compreende o lixo como “manifestação da desordem da ordem moderna”. Tal desordem é percebida não apenas no meio ambiente, mas também entre aqueles que estão ligados, seja de forma imaginária ou real, com o lixo. Rodrigues (1999, p. 88) ressalta que é fundamental entender o caráter simbólico do lixo, ou seja, o que ele significa para membros de uma determinada comunidade ou cultura. É aceitar que a sua própria verdade não é absoluta e que existem outros meios de perceber e interagir com o lixo. O autor traça um paralelo entre lixo e cadáver, afirmando que ambos deixam de ser perigosos ou ameaçadores na medida em que “perdem suas identidades já parciais”, quando são queimados, se tornando cinzas e fumaça, ou quando voltam à terra ou são reciclados, adquirindo assim novas vidas e formas. (RODRIGUES, 1999, p. 88).

Rodrigues (1999, p. 92) vai além, dizendo que a sociedade industrial consumista quer banir dos centros urbanos o lixo, aproximando-o das periferias, dos excluídos desta própria sociedade. O individualismo pregado pela nossa atual civilização não consegue reconhecer que o desvalor atribuído por uns é fonte de sobrevivência de outros. Ou seja, “aquilo que se joga na lixeira apenas inicia, neste ponto, uma nova fase do seu itinerário de circulação social, passando a ser de valor de uso para outros”. É justamente neste papel que se encontram os catadores de lixo.

Historicamente, é importante salientar que os catadores de lixo foram atores sociais fundamentais no processo de higienização urbana nos séculos XVIII e XIX, mas sua atuação sempre foi associada aos indivíduos pobres. Segundo pesquisa realizada em 2000 pela UNICEF (1999, apud Abreu, 2001), os catadores de materiais recicláveis estão presentes em 3.800 municípios brasileiros. As pessoas que tiram seu sustento do lixo integram a grande parcela da população que não tem seus direitos fundamentais atendidos. O mercado de trabalho não consegue ser contingente com toda a população, e significativa parte desta torna-

se desnecessária na lógica produtiva. Escorel (1994) nota uma estruturação de castas em que o sujeito não encontra possibilidade de melhoria de vida ou ascensão social. O suposto aparato político de uma Constituição Cidadã não efetiva os direitos previstos a todos, e os incluídos interessam-se apenas pela manutenção de sua “patota”. A cidadania, quando conferida aos excluídos, se dá através de medidas assistencialistas e prestação de favores que maquia o real interesse dos incluídos de manter tal dicotomia social, em que a pobreza é ao mesmo tempo tratada com pena e medo pelos que estão do lado de dentro dos muros e grades que determinam as fronteiras da discriminação. Cabe aos excluídos sobreviver ao dia-a-dia. “É neste acontecer do cotidiano do trabalho que a lógica do imediato, voltada para a subsistência, revela-se como um hiato entre o que se desenhou como expansão e integração competitiva na economia e as práticas diárias voltadas para a satisfação das necessidades”. (CABRAL, p. 45). Escorel ressalta ainda que os excluídos apresentam um quadro de maior vulnerabilidade tanto a problemas físicos como transtornos mentais e debilidade cognitiva, bem como têm menor acesso a ações preventivas. Eis o grande circo nacional. A universalização dos serviços de saúde são um meio, ou uma tentativa, de inserção dos excluídos em condições e espaços que são seus por direito.

### **3.3.1 DOENÇAS CAUSADAS PELO LIXO**

A atual sociedade impressiona não apenas pela quantidade de lixo que produz, mas pela significativa variedade dos produtos que são jogados fora. Tamanha diversidade possibilita a existência de agentes biológicos patogênicos ou de resíduos que afetam direta ou indiretamente a saúde daqueles que sobrevivem da coleta e do contato com o lixo. Aqueles que trabalham em galpões de reciclagem possuem maior acesso a instrumentos de limpeza e higiene, como luvas e máscaras que diminuem os riscos de algum tipo de contágio. Entretanto os que retiram seu sustento do que encontram na rua, sem nenhum tipo de proteção, estão expostos a diversas doenças. A contaminação pode ser via oral, através da inalação ou do contato dérmico. (GOLÇALVEZ, 2004)

Sisinno & Oliveira (2000, apud Golçalvez) afirmam que estudos feitos indicam que os maiores problemas de saúde dos catadores brasileiros são distúrbios intestinais, parasitoses intestinais, hepatite, doenças de pele, respiratórias e danos nas articulações. É fundamental acrescer aqui que as péssimas condições de moradia, falta de saneamento, carência nutricional

e maus hábitos como bebidas e cigarros agravam ainda mais o quadro de saúde destas pessoas.

Em sua tese de mestrado sobre a compreensão de significados que o lixo tem para recicladores, catadores e carroceiros da Ilha dos Marinheiros, Sosniski (2006) constatou que esses trabalhadores na sua grande maioria não associam o lixo a doenças, atribuindo a estas causas externas, não ligadas a sua atividade. Tal percepção é relativizada quando indagados sobre animais que circulam no lixo, como ratos, vistos como causadores de malefícios. Estas pessoas estudadas também associavam que o lixo seco, quando misturado com outros, poderia prejudicar a saúde.

Entretanto, alguns autores, como Eigenheer e Zanon (1999, apud Golçalvez, 2004) relativizam os riscos de infecciosos do lixo, afirmando que se trata muito mais de um desprezo da sociedade em relação às experiências sensoriais ligadas ao lixo, como o aspecto visual do ambiente e dos catadores e o mau cheiro presente, do que um indicador lesivo à saúde.

#### **4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS**

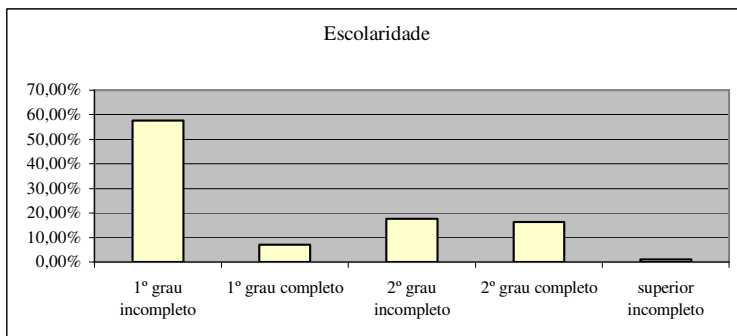
##### **4.1. Dados demográficos da amostra**

A pesquisa contou com a participação de 85 moradores da Vila Parque Santa Anita, 55 mulheres (64,71%) e 30 homens (35,29%). Quase metade dos participantes têm menos de 30 anos (48,23%), 30,59% entre 31 e 50 anos e 21,18% acima de 51 anos.

Em relação a ocupação dos entrevistados, 43,53% não trabalha, 15,29% são catadores de lixo, 29,41% estão inseridos no mercado informal.

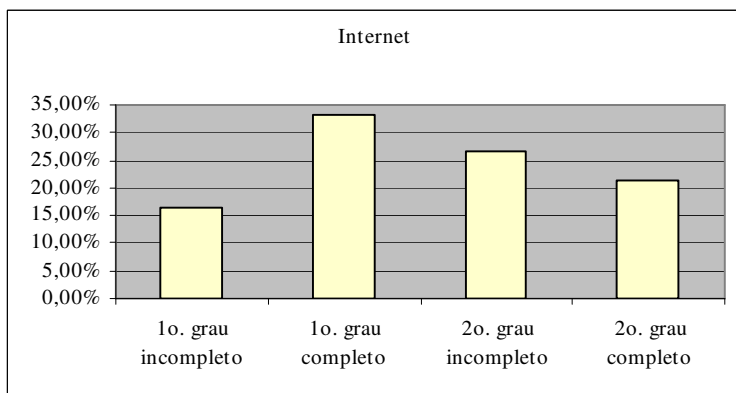
A amostra releva a baixa escolaridade dos moradores: 57,65% dos entrevistados possuem 1º grau incompleto. Destes, 22,45% são catadores de lixo. Apenas uma moradora cursa faculdade e nenhum terminou o ensino superior, como mostra a gráfico1.

Gráfico 1: Escolaridade dos moradores entrevistados:



Em relação ao meio ambiente, a principal fonte de conhecimentos em todos os níveis de escolaridade é a escola, seguida das mídias transmitida e impressa e conversas com pessoas. A internet também foi citada como meio de informação, independente dos anos de estudo (gráfico 2).

Gráfico 2: A internet como fonte de aprendizagem sobre o meio ambiente, por escolaridade.



Entretanto, nota-se importantes diferenças de respostas entre os moradores menos e mais instruídos. A Associação dos Moradores é reconhecida por 34,69% dos entrevistados com 1º grau incompleto como um meio de educação ambiental, contra apenas 7,14% dos que possuem 2º grau completo. Os profissionais de saúde são educadores ambientais para 55,10% dos que têm 1º grau incompleto, contra 28,57% dos que terminaram o ensino médio.

As diferenças prosseguem. Na pergunta “a poluição piora a condição do meio ambiente”, 10,20% dos entrevistados com 1º grau incompleto disseram discordar da afirmativa e 4,08% concordavam em parte, enquanto 100% dos entrevistados com 1º grau completo, 2º grau incompleto e 2º grau completo concordavam a sentença.



## 4.2 Conhecimento não é sinônimo de ação

As diferenças de respostas entre escolaridade vão além. 10,20% dos entrevistados com 1º grau incompleto disseram discordar que a poluição piora a condição do meio ambiente. Todos os outros níveis de escolaridade tiveram 100% de concordância com a sentença. O gráfico 3 mostra que os entrevistados com ensino médio completo consideram que existem muitos problemas ambientais na vila, enquanto 14,29% dos participantes com ensino fundamental incompleto dizem não haver nenhum problema deste tipo na vila. Mais distinções de resposta entre escolaridade aparecem no gráfico 4, sobre a percepção da gravidade dos problemas ambientais.

Gráfico 3: Percepção da existência de problemas de meio ambiente na comunidade, por escolaridade:

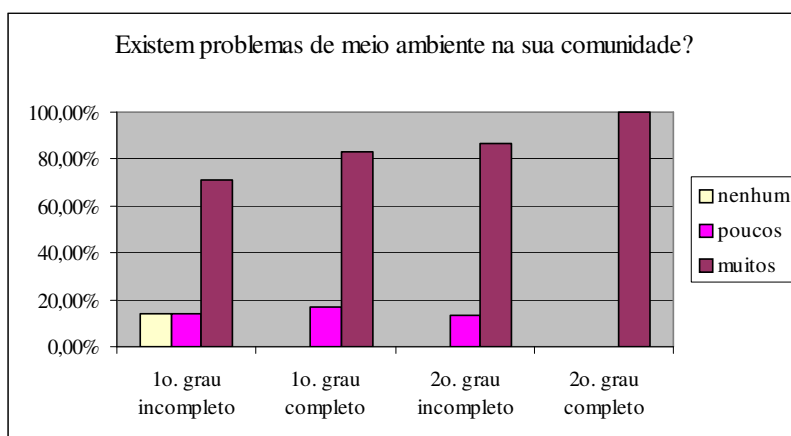
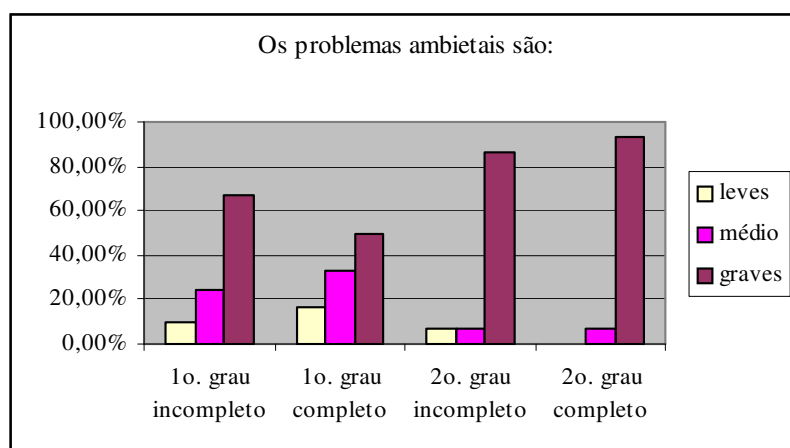
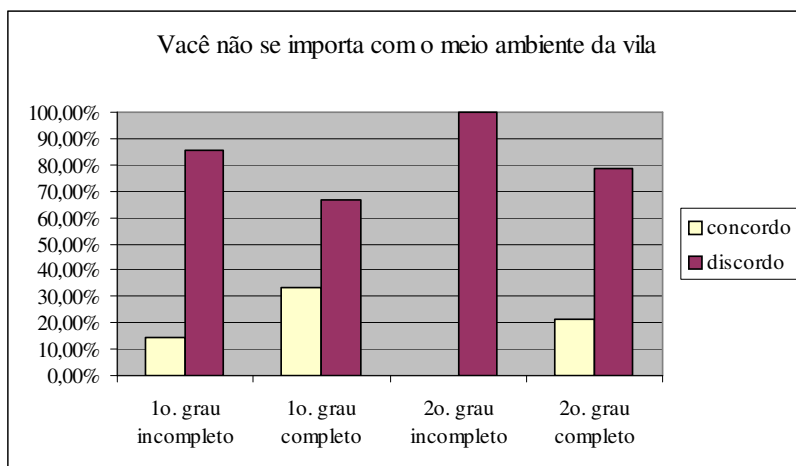


Gráfico 4: Percepção da gravidade dos problemas ambientais, por escolaridade



O gráfico 5 mostra que os entrevistados com 1º grau incompleto discordam mais da frase “você não se importa com o meio ambiente da vila” que os com 2º grau completo. Houve uma dispersão pequena entre as diferentes escolaridades.

Gráfico 5: Você não se importa com o meio ambiente da vila. Comparativo entre escolaridade



Quando perguntados sobre os geradores de problemas ambientais na vila, podendo marcar todas as sete opções dadas, 88,24% apontaram a falta de consciência comunitária, enquanto 63,53% escolheram a falta de conhecimento.

Tabela 1: Percepção das causas dos problemas ambientais. (porcentagem geral):

Falta de consciência comunitária	<b>88,24%</b>
Animais soltos	81,18%
Falta de um galpão de reciclagem	71,76%
Falta de saneamento	64,71%
Falta de conhecimento	<b>63,53%</b>
Carroças	61,18%
Coleta de lixo ruim/ineficaz	55,29%

Em relação aos anos de estudo, não houve um padrão de respostas, pois estas se apresentaram bastante oscilantes. Nota-se que a porcentagem dos que tem 1º incompleto é inferior a das demais escolaridades em três itens. O mesmo acontece entre os que tem ensino

médio incompleto, portanto, a percepção das causas dos problemas ambientais não está ligada aos anos de estudo.

Tabela 2: Percepção das causas dos problemas ambientais, por escolaridade

Causa	Escolaridade			
	1º grau		2º grau	
	Incompleto	Completo	Incompleto	Completo
Falta de saneamento	65,31%	83,33%	53,33%	71,43%
Carroças	53,06%	50,00%	73,33%	85,71%
Animais soltos	73,47%	83,33%	93,33%	100,00%
Falta de consciência comunitária	81,63%	100,00%	100,00%	92,86%
Falta de conhecimento	65,31%	83,33%	53,33%	64,29%
Coleta de lixo ruim/ineficaz	63,27%	66,67%	40,00%	42,86%
Falta de um galpão de reciclagem	61,22%	100,00%	73,33%	92,86%

No que diz respeito às ações que os moradores têm visando à melhoria do meio ambiente (tabela 3), quase todos os entrevistados disseram não jogar lixo nas ruas ou arroio. Outros itens bastante votados foram a economia de energia, gás e água. Já a tabela 4 mostra a disposição de mudança de atitudes, visando à melhoria do meio ambiente da vila.

Tabela 3: Para melhorar o meio ambiente, você: (porcentagem geral)

Não joga lixo nas ruas e no arroio	94,12%
Economiza energia e gás	87,06%
Economiza água	83,53%
Reusa embalagens plásticas	68,24%
Separa o lixo para reciclagem	62,35%
Cuida das praças e espaços de lazer	55,29%
Ajuda na educação ambiental da comunidade	41,18%

Tabela 4: Para melhorar o meio ambiente, você estaria disposto a: (porcentagem geral)

Não jogar lixo nas ruas ou arroio	5,88%
Economizar energia e gás	10,59%
Economizar água	14,12%
Reusar embalagens plásticas	18,82%
Separar o lixo para reciclagem	31,76%
Cuidar das praças e espaços de lazer	25,88%
Ajudar na educação ambiental da comunidade	44,71%

Dispersões significativas por escolaridade ocorram em apenas dois itens: separação de lixo - 69,39% dos entrevistados com ensino fundamental incompleto disseram separar o lixo, contra 50% dos que terminaram o 2º grau; e cuidado com praças e espaços de lazer – 46,94% dos que tem 1º incompleto afirmam cuidar, contra 71,43% dos que tem ensino médio completo.

Foi pedido também aos entrevistados que ordenassem os responsáveis pelo meio ambiente da vila. A ordem final ficou desta forma:

Tabela 5: Ordem de responsabilidade pelo meio ambiente da vila (ordenação geral):

Cada morador	1
Associação de moradores	2
Prefeitura municipal	3
Caminhão de lixo (DMLU)	4
Governo federal e/ou estadual	5
Você	6

Nota-se que houve uma dispersão muito pequena entre o primeiro e o segundo responsável pela vila.

Tabela 6: Ordem de responsabilidade pelo meio ambiente da vila, por escolaridade

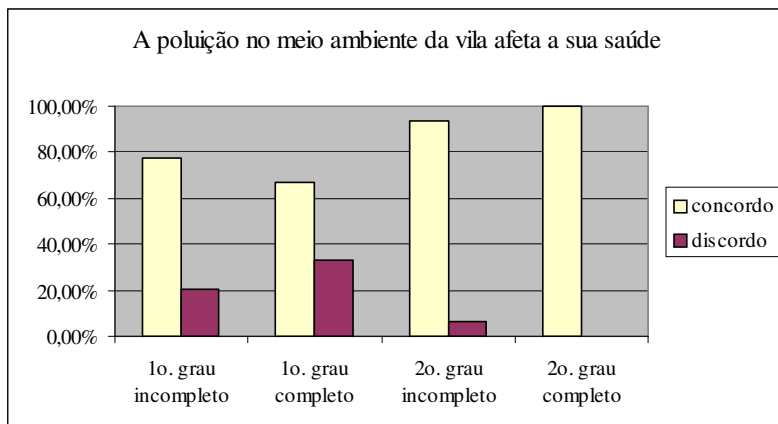
Responsável	Escolaridade			
	1º grau		2º grau	
	Incompleto	Completo	Incompleto	Completo
Governo federal e/ou estadual	5	5	4	5
Prefeitura municipal	1*	3	2*	3
Associação de moradores	1*	1*	2*	2
<b>Você</b>	<b>6</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>4</b>
Cada morador	3	1*	1	1
Caminhão de lixo (DMLU)	4	4	5	6

\* mesma pontuação

### 4.3 Percepção de saúde e doença - escolaridade

Contudo, a escolaridade é determinante para a percepção que os moradores têm de saúde. Todos os entrevistados que têm ensino médio completo notam o impacto da poluição na saúde, enquanto 77,55% dos que possuem 1º grau incompleto têm tal percepção.

Gráfico 6: Percepção de saúde, por escolaridade



Em relação a doenças dérmicas, pulmonares e gastrointestinais levantadas no questionário, não houve diferenças significativas de percepção nos diferentes níveis de instrução.

#### 4.2 Catadores X Não-catadores

As respostas à pergunta “o que faz parte do seu meio ambiente”, relativas a recursos naturais e matérias primas da natureza, como água, solo, etc. obtiveram quase a unanimidade de citações, independente do tipo de ocupação do entrevistado. As opções esgoto, poluição e coisas fabricadas também não tiveram diferenças entre profissionais. O mesmo aconteceu em relação ao lixo, pois apenas 46,15% dos catadores incluem o lixo como parte do seu meio ambiente, contra 37,50 dos não-catadores. O mesmo não se deu com as carroças, que foram apontadas por 76,92% dos catadores, contra 47,22% dos não catadores.

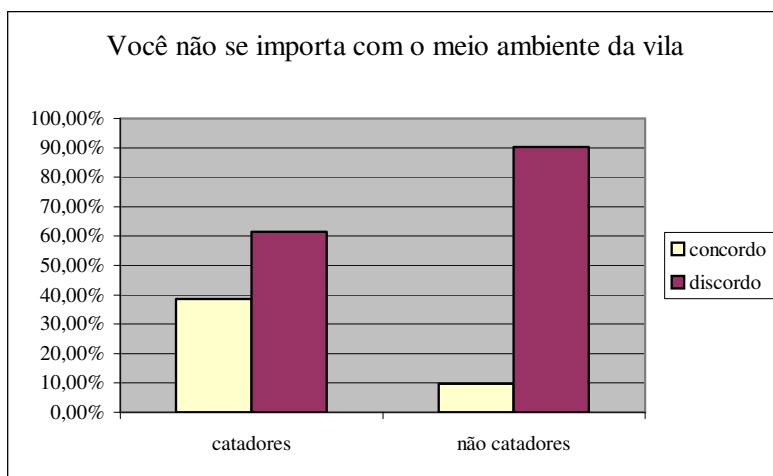
Quando perguntados sobre o que é poluição (tabela 7), novamente evidencia-se a ocupação dos catadores como diferencial da opção.

Tabela 7: Poluição é (Comparativo entre ocupações):

Tipo de poluente	Catadores	Não-catadores
Fumaça	100,00%	100,00%
Químicos	92,31%	90,28%
Lixo orgânico	84,62%	73,61%
Ruído/barulho	53,85%	56,94%
<b>Lixo seco</b>	<b>0,00%</b>	<b>41,67%</b>

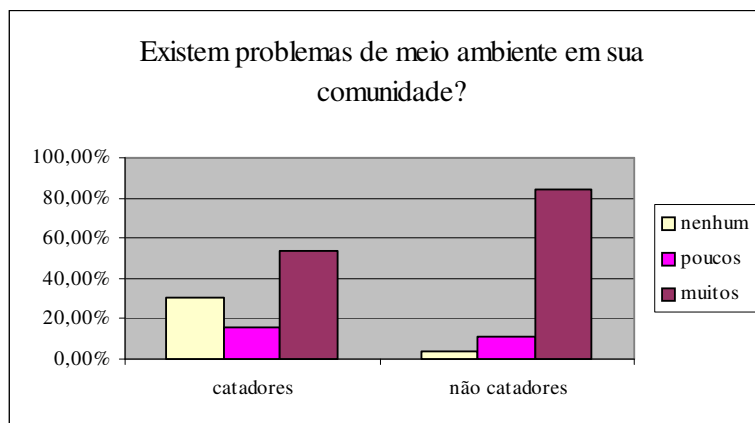
Entre os catadores, 30,77% concordam e 7,69% concordam em parte com a frase “você não se importa com o meio ambiente da vila”. Esta porcentagem cai significativamente entre os que não trabalham com lixo (5,56% concordam e 4,17% concordam em parte).

Gráfico 7: Você não se importa com o meio ambiente da vila. Comparativo entre ocupações



Estes dados são semelhantes à percepção de danos ambientais. 30,77% dos que catadores acham que não existe problemas de meio ambiente na vila e apenas 4,17% dos não-catadores têm a mesma visão.

Gráfico 8: Existência de problemas de meio ambiente na comunidade, por ocupação



A tabela 8 mostra quais os problemas ambientais mais indicados pelos moradores. Os não-catadores citam muitos mais itens que o catadores. Salienta-se que somente 46,15% dos trabalhadores de lixo assinalaram “fezes de animais”.

Tabela 8: Percepção de poluentes e desperdícios como problemas ambientais, por ocupação

	Catadores	Não catadores
Lixo seco nas ruas e no arroio	<b>69,23%</b>	<b>93,06%</b>
Lixo orgânico nas ruas e no arroio	<b>69,23%</b>	<b>91,67%</b>
Fezes de animal	<b>46,15%</b>	<b>88,89%</b>
Fumaça	61,54%	76,39%
Desperdício de água	53,85%	70,83%
Químicos tóxicos	69,23%	56,94%
Barulho	46,15%	56,94%
Desperdício de luz	46,15%	54,17%
Desmatamento	53,85%	43,06%

Todavia, não houve diferenças significativas na percepção de gravidade dos problemas.

Tabela 9: Percepção da gravidade dos problemas de meio ambiente na comunidade, por ocupação:

	Catadores	Não catadores
Leves	11,11%	7,25%
Médio	22,22%	17,39%
Graves	66,67%	75,36%

Sobre o que fazem para melhorar o meio ambiente (tabela 10), as respostas foram significativamente diferentes em apenas dois pontos: entre os não-catadores, 63,89% reutiliza embalagens e 56,94% separa o lixo. A porcentagem sobe para 92,31% entre os catadores, em ambos os itens.

Tabela 10: Para melhorar o meio ambiente, você: (comparativo por ocupação)

	Catadores	Não catadores
Não joga lixo nas ruas e no arroio	92,31%	94,44%
Economiza energia e gás	84,62%	87,50%
Economiza água	84,62%	83,33%
Reusa embalagens plásticas	<b>92,31%</b>	<b>63,89%</b>
Separa o lixo para reciclagem	<b>92,31%</b>	<b>56,94%</b>
Cuida das praças e espaços de lazer	<b>30,77%</b>	<b>59,72%</b>
Ajuda na educação ambiental da comunidade	30,77%	43,06%

Em relação ao contato direto com poluentes nas atividades diárias, não houve dispersão significativa entre os que trabalham com lixo e os que não exercem essa atividade. Diferenças significativas entre os tipos de poluentes e ocupação são observadas apenas entre lixo orgânico e água do arroio.

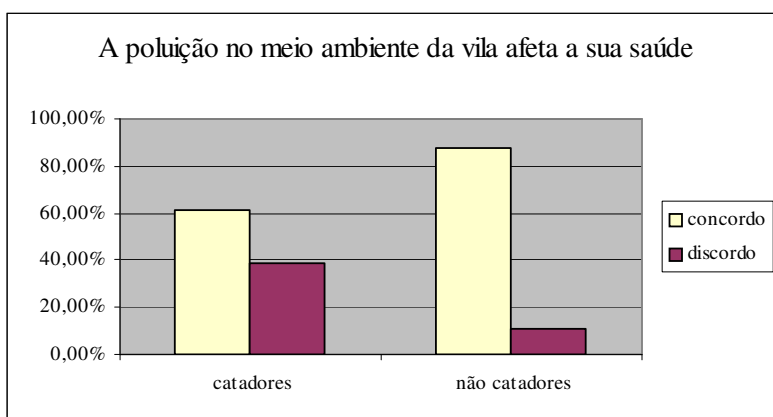
Tabela 11: Com quais poluentes você tem contato em suas atividades diárias? (comparativo por ocupação)

	Catadores	Não-catadores
Lixo orgânico	<b>84,62%</b>	<b>56,94%</b>
Lixo seco	69,23%	54,17%
Fumaça	46,15%	58,33%
Ruído/ Barulho	53,85%	50,00%
Produtos químicos	38,46%	34,72%
Água do arroio	<b>30,77%</b>	<b>16,67%</b>

#### 4.5 Percepção de saúde e doença - ocupação

Existe quase uma unanimidade, entre os que não trabalham com lixo, que a poluição da vila afeta a sua saúde. A porcentagem cai para 61,54% entre os catadores.

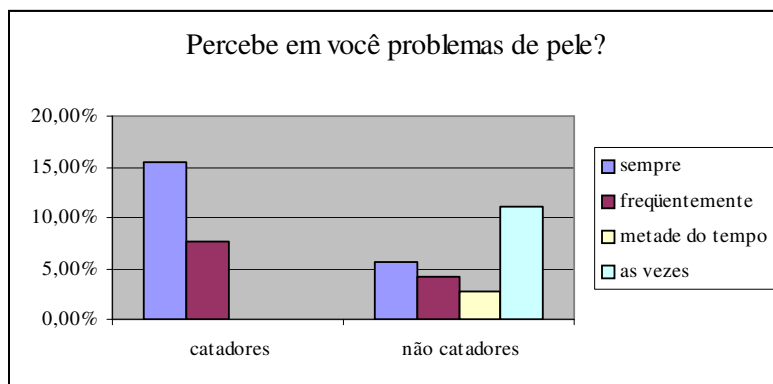
Gráfico 9: Percepção de saúde, por ocupação



Os gráficos 10, 11 e 12 mostram as diferenças de percepções de doenças entre catadores e não-catadores. A alternativa “nunca” foi retirada destes três gráficos, para a melhor visualização das respostas afirmativas. Foi perguntado também quando fora a última vez que a pessoa havia percebido em si a doença.



Gráfico 10: Percepção de doenças dérmicas, por ocupação. A alternativa “nunca” não se encontra no gráfico.

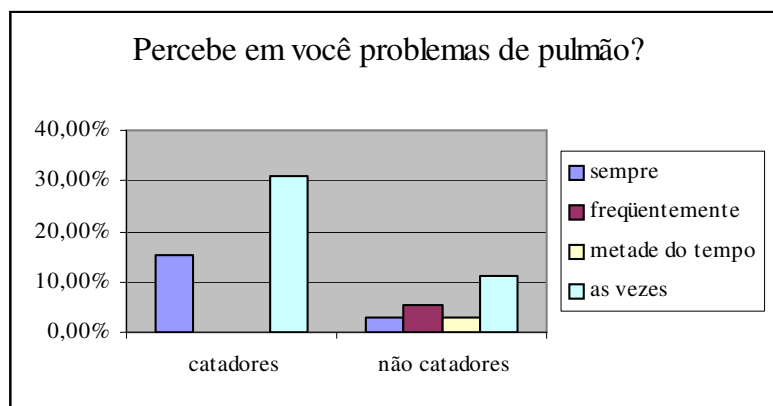


76,92% dos catadores responderam que nunca perceberam em si doenças de pele, porcentagem muito próxima a dos não-catadores, que foi de 76,39%. Entretanto, 15% dos catadores notam sempre, comparado a 5,56% dos demais profissionais.

Tabela 12: Quando foi a última vez que percebeu em si a problemas de pele?

	Catadores	Não catadores
Última semana	<b>66,67%</b>	<b>47,06%</b>
Último mês	0,00%	17,65%
Último ano	33,33%	23,53%
Últimos 5 anos	0,00%	11,76%

Gráfico 11: Percepção de doenças respiratória, por ocupação. A alternativa “nunca” não se encontra no gráfico.

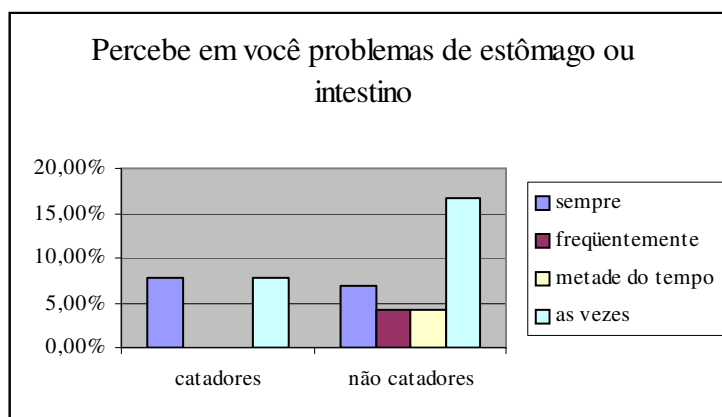


Os catadores notam mais problemas de pulmões, pois 53,85% disseram nunca terem percebido em si doenças respiratórias. Entre os não-catadores, essa porcentagem sobe para 77,78%

Tabela 13: Quando foi a última vez que percebeu em si problemas de pulmão?

	Catadores	Não catadores
Última semana	<b>50,00%</b>	<b>18,75%</b>
Último mês	16,67%	18,75%
Último ano	16,67%	37,50%
Últimos 5 anos	16,67%	25,00%

Gráfico 12: Percepção de doenças gastrointestinais, por ocupação. A alternativa “nunca” não se encontra no gráfico.



Os não-catadores percebem muito mais doenças gastrointestinais que os catadores. 68,06% disseram nunca terem percebido problema de estômago ou intestino. Tal porcentagem sobe para 84,62% entre trabalhadores do lixo.

Tabela 14: Quando foi a última vez que percebeu em si problemas de estômago ou intestino?

	Catadores	Não catadores
Última semana	<b>100,00%</b>	<b>34,78%</b>
Último mês	0,00%	39,13%
Último ano	0,00%	4,35%
Últimos 5 anos	0,00%	21,74%

Independente da doença, os catadores notam sempre mais problemas na última semana.

## 4.6 As fotografias

A segunda parte da pesquisa contou com a participação de nove moradores: cinco catadores de lixo e quatro não-catadores. Foi pedido a cada um deles que tirasse duas fotos do meio ambiente da vila, duas fotos de algo que gera poluição na vila e duas de algo que consideram prejudicial à saúde dos moradores.

### 4.6.1 Meio Ambiente

Em relação às fotos do meio ambiente, os fotógrafos tiveram, em sua maioria, preferência por registrar animais, plantas e árvores. Água, terra, oxigênio foram citadas nas entrevistas. A foto 1 foi tirada por C., 23 anos, ensino fundamental incompleto e catadora de lixo. A foto 2 foi tirada por M., 20 anos, estudante do ensino médio e catadora de lixo.



Foto 1 – C. registrou como meio ambiente da vila o seu **cachorro**, por ele ser um animal.



Foto 2 – M. fotografou as **plantas e árvores** que ficam em frente a sua casa, pois para ela fazem parte do meio ambiente da vila.

M. falando de sua foto: “Eu tirei por causa da árvore. Das árvores eu tirei porque sem árvore não tem como viver, por causa do vento, para os passarinhos pousarem”.

Alguns moradores registraram as ruas, casas e as pessoas da vila. A foto da esquerda foi tirada por E., 47 anos, que estudou até a 4ª série e é catadora de lixo. Já a imagem da direita foi feita por I., 50 anos, 2º grau completo, conselheiro de saúde.



Foto 3 – As **peessoas** são parte do meio ambiente da vila para E.



Foto 4 – I. fotografou **peessoas, casas, árvores** como meio ambiente da vila.

I. justifica o seu registro “do meio ambiente, porque o menos de degradação possível e o maior número de verde. Do meio ambiente porque tem verde e não tem degradação. [...] Uma coisa não combina com a outra”

Apenas G. 46 anos, ensino fundamental incompleto e desempregada, registrou o jardim de sua casa (foto 5). L, 46 anos estudante do ensino superior e desempregada, tirou uma foto da praça que fica em uma das entradas da vila (foto 6)



Foto 5 – G. fotografou o **jardim de** sua **casa** como meio ambiente da vila.



Foto 6 – A **Praça** é meio ambiente da vila para L.

Sobre a imagem, L. diz ter registrado porque nota que a praça está bem cuidada e que os moradores têm se preocupado mais com o sua preservação. Ressalta também que as crianças cuidam mais da praça que os adultos.

G. também registrou o Arroio Passo Fundo, e. falou: “É uma foto que tem o riacho, ela corre atrás do galpão e tá desmoronando, tá ficando maior. Era menorzinho, agora já tá aumentando, por causa da chuvarada que dá começa a caí.”

Quando perguntada sobre o motivo de ter tirado essa foto, G respondeu: “Ah, porque eu achei interessante, né. A natureza até que tá bonita, o problema todo é o riacho que tá caindo. Que tá desabando.”

#### 4.6.2 Geradores de poluição

Na categoria de fotos do que gera poluição, o Arroio Passo Fundo foi registrado por todos os fotógrafos. A foto 7 foi tirada por T, 22 anos, ensino fundamental incompleto e catadora. A foto 8 foi feita por E.



Foto 7 – Para T. o **lixo** que existe **no Arroio** gera poluição na vila.



Foto 8 – E. também considera o **lixo no Arroio** como gerador de poluição na vila.

Nas entrevistas, alguns fotógrafos falaram dos tipos de lixo que são jogados no arroio. M. e E. se referem ao esgoto e aos animais. M. conta: “Se morre um bicho, eles jogam no arroio, não tão nem aí. Cachorro, gato. Nunca vi jogarem cavalo, acho só porque é muito grande”.

I. fala que, para ele, o que gera poluição é trazer lixo para a vila e não reciclar ou jogar lixo em local inapropriados. Já para C. o barro é causador de poluição.

T. (foto 9) e G. (foto 10) registraram a sujeira amontoada no terreno onde moram e trabalham os catadores de lixo.



Foto 9 – T. fotografou a **sujeira amontoada** no terreno onde mora, pois para ela isto gera poluição na vila.



Foto 10 – A **sujeira amontoada** também é vista por G. como geradora de poluição na vila.

G., fala sobre o acúmulo de lixo gerado pelos catadores de lixo:

As pessoas que são os próprios donos da casa e as próprias pessoas que juntam esse lixo que fica amontoado [...], e o lixo, né, fica muita sujeira, onde junta muito bicho. Os ratos aqui na vila que é nem os gato, né (risos). Enormes! É, são horrível.

L. fala que os desmatamentos levam aos desbarrancamentos. V. 37 anos, 1º grau completo e catadora de lixo, acrescenta a chuva nos riscos de desmoronamentos:

Pessoas tocando sujeira dentro do arroio, ia vai gerar o quê? Enchente, que vai invadir as casas, vai fazer desbarrancá, vai cair casa dentro do arroio. E em vez de usar o lixo, botá na frente da casa, pro lixeiro levá, eles tocam no arroio. É casinha de cachorro, é pneu, é tijolo, é garrafa. Se já tem a coleta de lixo orgânico, tem coleta de lixo seletiva, por que que eles não botam isso aí no lugar onde eles têm que colocá?

Quando questionada sobre a existência de coleta seletiva na vila, V responde: “Não tem, só tem orgânico. Mas no caso, né, até poderia separá pra alguém levá o material, entendeu? Ou doá pra alguém que trabalha com isso. E não, eles não separam, tudo junto”.

Entretanto, N. 32 anos, ensino fundamental incompleto e desempregada, considera que a coleta de lixo ruim. Nota que às vezes o trabalho de uns atrapalha a vida dos outros, como no caso dos catadores de lixo, mas defende que eles joguem o que não lhes serve no arroio: “Não tem coleta seletiva, essas coleta separadas, né. Então é tudo junto, três vezes por semana, se a gente tem algum lixo que os lixeiro não levam, fica aí. A alternativa o que é? Riacho”. N. vai além. Comenta que, em 15 anos que mora na vila, apenas uma vez a Prefeitura mandou um

caminhão especialmente para retirar esses lixos que não são recolhidos pelo caminhão do DMLU. Segue suas críticas dizendo que são feitas as retiradas de resíduos sólidos do arroio, mas acrescenta: “Poucas vezes ele vem fazê limpeza no riacho, né. Acho que se eles viessem de seis em seis meses, eles iam encontrar de seis em seis meses tudo entulhado”.

V. fala das fezes de animais. Diz recolher os dejetos de seus cavalos deixam pelo caminho, mas nota que poucos carroceiros fazem o mesmo, o que, conseqüentemente, gera poluição, na visão dela. Também falou do lixo nas ruas e que parte da comunidade não se preocupa em colocar o lixo nos cestos em dias que o caminhão passará: “O que acontece, colocam antes (o lixo) e os animais vão rasgá, né, fica atirado na rua e acontece o que acontece, que fica sujeira no meio da rua”. L. também nota esse problema e comenta uma das conseqüências:

Pois é, tem até o lixo aqui e o bueiro. E esse bueiro tava cheio de lixo quando eu tirei a foto. E é lixo disso aqui, ó, os cachorro vêm aqui, furam o saco, entra pro bueiro, entope e quando vem a chuva, dá os alagamento, as coisa, e saí aquele lixo, daí é pessoas caminhando por dentro daquela água ali, suja. Essas coisas, eu acho que poderia ter um pouco mais de cuidado, né.

N. comenta da poluição sonora dos carros e caminhões que passam pela vila. Acrescenta também o desperdício de água como um prejuízo ambiental:

Essa rua é lavada constantemente, assim, ó. É um desperdício de água, que eu acho assim, ó. Pra tu tê uma idéia, se o tempo tá bom, a vizinha da frente lava de três a cinco vezes, eu vez eu contei cinco vezes a rua toda quase., com mangueira. Ela lava, literalmente ela lava, sem dó nem piedade e a água tá indo e a água tu sabe que não dá pra desperdiçá, né. Olha, uma vez eu contei, ainda tive tempo de pará e contá, ela ficou 45 minutos com a mangueira ligada tudo, né. Claro, a gente não tem nada a vê, se é a conta dela, tudo, mas é água, né, Tem tantas campanha aí, pra reutilizar a água, não fazer desperdício de água.

T. retratou a fumaça como algo prejudicial ao meio ambiente, não à saúde.

#### 4.6.3 Perigos à saúde

Nesta categoria, as fotografias foram semelhantes entre si. Nas entrevistas, porém, os participantes trouxeram diferentes aspectos.

Os ratos foram citados por quase todos os fotógrafos como ameaças a saúde dos moradores. C (foto 11) e T. (foto 12) conseguiram fotografar estes animais. O rato da foto 9 está vivo e da foto 10 morto.



Foto 11 – O **rato** vivo caminhava entre o lixo do pátio de C., que o considera perigoso para a saúde.



Foto 12 – Para T, o **rato** morto que encontrou no pátio de sua casa é perigoso para a saúde.

T. disse que tirou a foto do rato “porque é uma coisa ruim, faz mal prá s pessoas e pro meio ambiente”.

V. comenta que, quando chove, o arroio transborda e os ratos procuram abrigo nas casas. G. E. e L. também falaram destes animais em suas entrevistas. Entretanto, a maioria dos moradores, independente de trabalharem ou não com lixo, nunca teve ratos em suas casas, apenas os viram pelas ruas da vila ou nos pátios dos catadores.

Outros animais foram mencionados como prejudiciais à saúde. G. e N. falaram que os cachorros da vila não são cuidados e têm sarna. V. notou um aumento de pombas nos arredores da vila e ressaltou que as fezes destes bichos transmitem doenças. Os dejetos de cavalos foram apontados por T. por causarem machucados e coceiras. V. e T. registraram imagens de pneus e salientaram os riscos de contaminação da dengue. L. também comentou sobre os mosquitos contaminados pela dengue. A foto 13 foi tirada por V.



Foto 13 – Por serem focos de proliferação dos mosquitos da dengue, os pneus fotografados por V são considerados perigosos para a saúde



Os catadores têm o hábito de queimar lixo, e a fumaça resultante desta prática foi citada como prejudicial à saúde por M. (foto14) e V. (foto 15)



Foto 14 – O lixo que é queimado produz a **fumaça**, identificada como perigoso para a saúde dos moradores da vila. Esta foto foi tirada por M. do pátio em frente a sua casa.



Foto 15 – Mais um registro da **fumaça** como risco à saúde. V. fotografou o pátio de sua casa.

V. comenta sua foto:

Isso aqui, significa que esse fogo eles fazem pra queimá sujeira, né. Só que essa fumaça prejudica a saúde das pessoas que têm problema de asma e bronquite, essas coisa. Eles têm que pensa um pouquinho melhor, né, e não fazê essas queimada. Queimá. Bota o lixo pro lixeiro levá.

N. reclama da fumaça das chaminés das casas, pois vão para a sua casa e prejudicam a saúde de seus filhos, que sofrem de problemas respiratórios.

Já V. e M. falam dos riscos do lixo orgânico. V. afirma: O seco (lixo) não prejudica ninguém pra nada, só o orgânico. M. vai além e conta: “São as fotos de perigo para a saúde, porque no lixo orgânico tem remédio. Uma clínica odontológica deixou no pátio, na frente de casa, resíduos da clínica”.

Já C. considera que o barro faz mal para a bronquite, além de dar bicho do pé. C. registrou o barro no pátio de sua casa (fotos 16). G, por sua vez, fez uma fotografia (foto 17) do terreno onde vivem parte dos catadores da vila, mostrando bem as condições em que vivem estas pessoas. Observa-se na imagem plantas, casas em péssimas condições, carroças, animais, lixo amontoado e barro. G. também comentou que tanto o barro quanto os ratos fazem mal às pessoas que trabalham com lixo: “O lixo, o rato, por causa da doença, né. Os animais

machucados. Esse cavalo que tá aqui tá machucado. Não cuidam. Barro, muito barro, o cheiro dos animais, tudo”.



Foto 16 – O pátio de C. cheio de barro, considerado por ela como perigoso para a saúde.



Foto 17 – O barro e as condições de moradia dos catadores, vistos como perigoso para a saúde.

E. falou que outro grande perigo na vila são carros e carroças pelo risco que as crianças têm se serem atropeladas.

E. e N. fizeram a relação entre os resíduos que são jogados no arroio e os males que podem gerar à saúde. N. percebe o esgoto como poluidor e causador de doenças. Já L. coloca sua opinião de uma forma diferente. Para ela, o arroio não é causador de nada, e sim as pessoas que jogam lixo nele. Para ela, perigoso para a saúde dos moradores são os próprios moradores. L. faz uma compreensão sobre o tema. Para ela, olhando de longe, a vila parece limpa e bem cuidada, mas de perto os problemas são gritantes. Considera que esta visão afastada pode fazer com que os moradores não se conscientizem ecologicamente. L. comenta as atitudes destes frente ao meio ambiente da vila:

Eu não sei se as pessoas não sabem ou fazem que não sabem. Eu acho que saber todo mundo sabe que não pode fazer isso, mas eu acho que é mais fácil colocar lixo, colocar coisa dentro do riacho, que é mais prático, do que chega a espera o lixeiro. Sabe, ou separar. Eu acho que é mais fácil, ir ali e coloca. Então as pessoas até sabem do risco que correm, mas não se importam. Acho que não se importam.

I. foi além. Para ele, perigoso para a saúde é a falta de gestão:

A síntese da falta de gestão, a falta de apoio à comunidade de gestão na área da saúde na área do meio ambiente, na área da preservação, entendeu? Mas o que mais me chateia quando eu vou grifar alguma coisa é a falta de informação, é a falta de... porque não adianta o poder público gastar uma fortuna com campanha, com mídia se a informação não chega dentro da comunidade, entendeu? Isso que eu to falando é sério agora, me entristece isso, sabia?

I. prossegue falando de seu cansaço e sentimento de impotência como conselheiro de saúde, por não ver o seu trabalho plenamente realizado. Diz que consegue ajudar algumas pessoas, mas nunca consegue contemplar a comunidade inteira e por isso vai largar o cargo dentro de dois anos.

## **5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Quase metade dos entrevistados não está trabalhando e, entre os empregados, considerando a informalidade do serviço com o lixo, nota-se a dificuldade da população local de entrar no mercado formal de trabalho, totalizando 44,7% da amostra. Segundo os critérios de Escorel (1994), pode-se definir tal população como excluída, por não ter garantidos e efetivados os seus direitos constitucionais. Os moradores da vila estão na grande fatia populacional que a autora ressalta como desnecessária na lógica produtiva do mercado de trabalho, com a conseqüente impossibilidade de ascensão social.

### **Escolaridade**

A baixa escolaridade da comunidade pode ser uma das causas desta dificuldade de inserção no mercado formal de trabalho. Sabe-se que a qualidade educacional das escolas públicas é muito baixa. Entretanto, Paro (1997) nota que a democratização da educação não trouxe consigo uma adequação da metodologia e conteúdos para novas camadas sociais. Esse autor e Del Pino (2002) ressaltam que, no atual sistema neoliberal, que busca máxima eficiência de seus trabalhadores, a escola tem como função primária a formação para o mercado de trabalho. Contudo, questionam até que ponto isso é relevante para classes sociais mais baixas. A pesquisa aponta a baixa escolaridade, e uma das causas do abandono escolar pode ser justamente a falta de sentido que o estudo tem para os moradores da vila. Que razão há em se dedicar à formação de um mercado que não consegue incluir os excluídos de nascença? Nem Paro, nem Del Pino, nem a autora do trabalho questionam o direito constitucional de todos os cidadãos ao estudo, e sim a forma como ele se constitui.

O fracasso da escola não é geral, pois a escola é apontada como a maior fonte de conhecimento sobre o meio ambiente, independente do grau de escolaridade que o

entrevistado possui. Santos [(200-)] aponta que a educação ambiental deve estar presente em todos os níveis de instrução, desde o ensino fundamental até a faculdade, e que desta forma as pessoas aprenderam desde cedo a construir suas próprias opiniões, não sendo, assim, vítimas da mídia.

Aliás, as mídias transmitida e impressa foram também muito citadas como meio de aprendizagem sobre o meio ambiente. Canuto (1996 adup Silva 1998) fala justamente sobre este papel, descrevendo a mídia como democratizadora da questão ecológica, por levar às camadas populares o debate e informação sobre meio ambiente. D' Amorin (1996 adup Silva 1998) é mais cauteloso, afirmando que a ela deseduca o público, por incentivar o consumismo desenfreado. Este ponto é de fundamental importância, pois vivemos em uma sociedade de descarte fácil, cada vez mais individualista e imediatista, sem a real consciência de que consumo realmente se faz necessário. Rodrigues chama este modelo social de “civilização de dejetos”, pois ao mesmo tempo que há o desejo constante por consumo, não aceita o lixo como consequência, pois isto implicaria necessariamente no reconhecimento de que algo perdeu seu valor.

Entretanto, o dado que mais chama a atenção. A internet, foi citada como meio de informação, independente dos anos de estudo. Tal dado demonstra o eficaz processo de inclusão digital que o País vem passando. A pesquisa não levantou os locais onde os moradores encontram acesso à internet, mas revela a tendência nacional de inserção de comunidades carentes aos meios virtuais, como prevê em seu site o programa do Ministério de Ciência e Tecnologia. Importante salientar também que a pesquisa aponta que lideranças e atuantes locais como a Associação dos Moradores e profissionais de saúde desempenham um papel mais significativo como educadores entre os que possuem menor escolaridade.

A amostra revela também que, quanto maior os anos de estudo, maior a capacidade crítica. Todos os moradores que têm no mínimo o ensino fundamental completo conseguiram fazer a relação das consequências da poluição no meio ambiente, enquanto 10,20% dos que tem apenas 1º grau incompleto não fazem tal associação. Esta capacidade crítica decorrente da escolaridade também é enfatizada na percepção da existência e gravidade de problemas ambientais na vila. Santos [(200-)] destaca a importância da escola no processo de educação ambiental e, conseqüentemente, maior senso crítico a respeito da realidade vivida. Palma

(2005) aponta que a percepção ambiental da pessoa está diretamente relacionada com suas experiências, seu meio social, sua condição financeira.

Todavia, a concordância com a frase “você não se importa com o meio ambiente” não depende do grau de instrução. A amostra revela que a maior escolaridade gera um maior senso crítico, porém este não leva necessariamente a uma maior consciência ambiental. Os próprios moradores sabem disto. A falta de consciência comunitária foi apontada 88,24% dos entrevistados e a falta de conhecimento por 63,53%. Em relação a problemas ambientais, Sommer ([199-], adup Cuchukos, Zmitrowicz, 2002) pontua que o problema não está na falta de informação, e sim na população que não sente o meio ambiente como parte de si. Ou seja, os moradores não se apropriam do meio e, como consequência, não se responsabilizam pelos espaços públicos. Paro (1997) lembra que as escolas públicas antigamente atendiam às classes médias e altas, portanto não havia necessidade de colocar em pauta escolar questões como cidadania e autonomia, pois os alunos já tinham seus direitos garantidos pelas camadas sociais que estavam inseridos. A mudança de público, como já foi comentado, não trouxe consigo uma reforma pedagógica, e as escolas pecam por não inserirem em seus conteúdos a realidade local dos que lá estudam. Santos ([200-]) ressalta que a pessoa que não cresce participando de decisões políticas de sua sociedade não compreende o significado de cidadania. Estando os moradores na condição de excluídos da sociedade, tendo estudado em escolas que não retratavam as suas realidades, é natural que não se sintam cidadãos e agentes fundamentais de mudanças ambientais e sociais. Mais uma vez se nota a falha da educação.

Logo, o conhecimento não é necessariamente colocado em prática, tampouco é determinante para atitudes ecologicamente corretas. Katz (1975), apud Silva 1998) ressalta que o ser humano está sempre em busca de um coerência interna, entre a cognição e afeto. A busca por tal congruência pode gerar diferenças entre as crenças e as ações. Ou seja, os moradores sabem o que devem fazer para preservar o meio ambiente, mas provavelmente por isto não lhes causar sentimentos mais intensos, não realizam tais ações. Em outras palavras, não se sentem incoerentes por não fazerem o que sabem que deveriam fazer.

Em relação às atitudes pró-meio ambiente, evidencia-se que, quanto maior for a ação ecológica, menor a participação individual. A economia de energia, gás e água foram muito citadas. Este fato se deve, provavelmente, ao prejuízo financeiro que o desperdício causaria. Importantíssimo pontuar aqui que 71,43% dos que têm ensino médio completo disseram que

cuidam de praças e espaços de lazer, contra apenas 46,94% dos que tem 1º grau incompleto. As falhas da educação foram apontadas, mas é fundamental ressaltar também os sucessos. Mesmo longe dos ideais, a escola consegue cumprir sua função social entre os que possuem maior escolaridade.

Outro fator em que a escolaridade é determinante é a percepção de saúde. 22,55% dos que possuem ensino fundamental incompleto não fazem a associação entre a poluição e os danos à saúde. Esta porcentagem cai para zero entre os que tem 2º grau completo. Os números mostram que os menos instruídos não conseguem fazer tanta relação entre qualidade ambiental e saúde, devido a seu conhecimento formal mais restrito. Contudo, a percepção de doenças de pele, de pulmão e gastrointestinais independe da escolaridade.

Os entrevistados, de modo geral, se dizem dispostos a começar a fazer as ações que ainda não praticam, visando à melhoria do meio ambiente da vila. Os 5,88% que confessaram jogar lixo nas ruas e arroio afirmaram que mudariam esta atitude. A economia de recursos e a separação de lixo conseguiriam quase 100% de adeptos. A educação ambiental contaria com mais 44,71% de moradores dispostos, mas o cuidado com praças e espaços de lazer teria a ajuda de apenas mais 25,88% dos entrevistados. Novamente, a pesquisa indica a pouca responsabilidade com os espaços públicos. É preciso ter cuidado com o abismo que existe entre o discurso e a prática. Afirmar estar disposto a mudar de atitude e de fato começar a interagir de maneira diferente com o meio ambiente são coisas absolutamente distintas. Sabe-se que toda a mudança gera resistência, e os programas de educação ambiental precisam ser contínuos, pois alterar o comportamento é um processo gradual, lento e longo.

Como explicação para a falta de consciência comunitária observada pelos moradores, bem como a atual menor participação dos entrevistados na educação ambiental da vila e no cuidado com praças e espaços de lazer, está a tendência nacional de assistencialismo. Não se trata apenas da amostra desta pesquisa, e sim uma máxima da cultura e paradigma do brasileiro. A maioria dos entrevistados espera que cada morador faça sua parte, mas se colocam em último lugar na ordem de responsáveis, o que além de paradoxal, revela mais uma vez o baixo reconhecimento da responsabilidade pessoal diante do meio ambiente em que estão inseridos. Neste aspecto, a escolaridade é decisiva, pois os entrevistados com grau menor de instrução se vêem menos como responsáveis ambientais. Isto, conseqüentemente, reflete a tendência de espera por medidas assistencialistas, pois atribuem à Prefeitura

Municipal e à Associação dos moradores a primordial responsabilidade pelo meio ambiente da vila .

### **Catadores x não-catadores**

Um dos objetivos do trabalho é comparar a percepção ambiental entre os moradores que trabalham com coleta de lixo e os que não exercem essa atividade. O que se observou na prática é que, de modo geral, a visão que os catadores têm do meio ambiente está diretamente relacionada ao seu trabalho.

Quando perguntados sobre o que faz parte do seu meio ambiente, houve pouca discrepância de respostas entre ocupações. Chamou a atenção que, apesar de tirarem do lixo o seu sustento e terem com ele contato freqüente, menos da metade dos catadores apontou o lixo como parte do seu meio ambiente. Entretanto, as carroças que foram citadas por 76,92% dos catadores, contra 47,22% dos não-catadores.

O tipo de trabalho foi decisivo na definição do que é poluição. O que determina a percepção é o significado pessoal atribuído, resultante dos paradigmas e dos conhecimentos de cada um (PALMA, 2005). Os catadores não vêem o lixo como parte do meio ambiente, mas não consideram lixo seco como poluição, enquanto 41,67% dos demais profissionais observam esta alternativa como poluente. Rodrigues fala do simbolismo que o lixo pode ter em diferentes comunidades, e que esta percepção própria vai resultar em formas de interação diferenciadas. Sobre o que fazem para melhorar o meio ambiente, mais uma vez a ocupação fez a diferença nas respostas, pois houve quase uma unanimidade entre catadores em relação à separação do lixo e reutilização de embalagens plásticas, enquanto a porcentagem dos não-catadores foi de 56,94% e 63,89%, respectivamente. Porém, apenas 30,77% dos que trabalham com lixo disseram cuidar de praças e espaços de lazer, enquanto entre os não-catadores a porcentagem foi de quase o dobro.

Reconhecer que a própria verdade não é absoluta é o primeiro passo para de fato compreender um mundo tão diverso quanto desigual. Os catadores são um grupo inserido dentro de outro. É uma subdivisão da vila, em que normas, comportamentos, sentimentos e sensações são diferenciadas dos demais moradores. Tirar seu sustento do que a sociedade julgou inútil é como se alimentar de migalhas de um grande banquete, servido para poucos.

Rodrigues (1999) salienta que, na forma como a sociedade se estrutura, o objetivo dos centros urbanos é empurrar para as periferias, ou seja, para os excluídos, todo o descarte urbano. O lixo inicia então um novo circuito, de total desvalor para as classes mais endinheiradas, para moeda de sustento das camadas mais pobres.

Não é de se estranhar que menos de 70% dos catadores achem que lixo seco e orgânico na rua são problemas de meio ambiente, enquanto quase todos os que não desempenham este trabalho percebem esse tipo de poluição. Os catadores vêem muito menos problemas ambientais. 30,77% julgam não existir nenhum, enquanto 4,17% dos não-catadores compartilham da mesma opinião. Salienta-se que não apenas a ocupação, mas a forma como ela é exercida tem impacto na percepção dos entrevistados, pois os 46,15% de catadores que incluem fezes de animais como problema ambiental não são carroceiros. Importante colocar aqui que as carroças transitam por toda a vila, deixando os excrementos dos cavalos por onde passam e gerando constantes queixas da comunidade geral.

Logo, a ocupação indica o ponto de vista e comportamento, mas é importante acrescentar que experiência sensorial foi fundamental na percepção ambiental, seja ela visual, como o lixo nas ruas e arroio, ou olfativa, como a fumaça e as fezes dos animais. A percepção externa, ligada aos sentidos, foi a que mais determinou a percepção ambiental dos entrevistados em geral. Marin, Oliveira e Comar (2006, apud SILVA, 2006) ressaltam que este tipo de percepção liga mais as pessoas aos aspectos culturais e às diversidades biológicas do ambiente.

As diferenças apontadas na percepção do meio ambiente se estendem à consciência ecológica. A psicologia ambiental dá conta da subjetividade das percepções, através da investigação da interação do homem com o seu meio e da relação da singularidade perceptiva e da consciência ambiental (TASSARA, 2005). Entre os catadores, 38,46% concordam totalmente ou em parte com a frase “você não se importa com o meio ambiente da vila”, contra apenas 9,72% dos entrevistados que não trabalham com lixo. Tuan (1980, apud Palma, 2005) fala que a proximidade física não gera necessariamente respostas emocionais mais intensas. Ou seja, apesar de dividirem o terreno de suas casas com o que catam nas ruas, 30,77% dos catadores entrevistados não acham que o acúmulo de lixo nos seus pátios é um problema ambiental. Todavia, foram mínimas as dispersões entre ocupações na percepção da gravidade dos problemas de meio ambiente.



A percepção do contato direto com poluentes, ao contrário do que inicialmente se imaginava, apresentou poucas diferenças entre ocupações. Catadores têm contato significativamente maior com lixo orgânico e água do arroio. Os demais itens têm porcentagens semelhantes às dos não-catadores.

Entretanto, a ocupação é fundamental na percepção do impacto que a poluição tem sobre a saúde, pois apenas 61,54 % dos catadores reconhecem tal importância, enquanto que entre os demais profissionais chegou a quase à unanimidade. Sosnoski (2006) notou que a grande maioria dos trabalhadores do lixo que estudou não fazem associação entre suas atividades profissionais e os problemas de saúde.

A amostra evidencia que catadores têm mais doenças de pele e de pulmão que os demais. Sisino & Oliveira (2000, apud Golçalvez) afirmam, baseados em estudos, que entre os problemas de saúde dos catadores brasileiros estão distúrbios intestinais, doenças de pele e respiratórias. A comunidade de catadores da Vila Parque Santa Anita não utiliza nenhum tipo de material de proteção, tendo contato direto com o lixo. Golçalvez (2004) ressalta que aqueles que retiram seu sustento das ruas e não fazem uso de proteção estão mais sujeitos a doenças, pelo contato dérmico ou inalação. Os achados da pesquisa fecham com os dados trazidos por Golçalvez. O manuseio constante do lixo sem qualquer tipo de proteção, o contato mais freqüente com a água do arroio, bem como a menor consciência dos riscos que a poluição acarreta, levam 15,38% a perceber sempre doenças dérmicas e 7,69% a notarem freqüentemente. Estes números entre outras ocupações caem para 5,56% e 4,17%, respectivamente.

Em relação à percepção de doenças respiratórias, os catadores notam 15,38% sempre e 30,77% às vezes. Entre os não-catadores, 77,78% dizem nunca ter problemas pulmonares, comparados a 53,85% dos catadores. Uma das causas para estes números é que os trabalhadores do lixo tem o hábito de queimar parte do lixo que não será reciclado, gerando grande fumaça. Mas isso não é tudo. Sisino & Oliveira (2000, apud Golçalvez, 2005) somam ainda as moradias de péssima qualidade, as carências nutricionais e maus hábitos como fumo e bebida como ameaças à saúde dos trabalhadores do lixo. Os problemas respiratórios provavelmente estão associados ao cigarro, bem comum entre os catadores.

Contudo, os não-catadores percebem muito mais doenças gastrointestinais que os catadores. Aqueles que trabalham com lixo estão constantemente expostos a doenças, mas também criam maiores imunidades. Esta pode ser uma explicação para este dado obtido. Eigenheer e Zanon (1999, apud Golçalvez, 2004), pensam diferente dos demais teóricos e afirmam que o lixo não é um risco tão significativo para a saúde. Para estes autores, o que existe é um grande desprezo da sociedade em relação às experiências sensoriais ligadas ao lixo e dos que se sustentam dele.

É importante enfatizar que, independente da doença, quando perguntados quando tinha sido a última vez que perceberam os problemas de saúde, os catadores sempre optaram mais pela alternativa “última semana”. Em relação às doenças gastrointestinais, 100% dos trabalhadores do lixo disseram ter tido algum sintoma nos últimos sete dias. Ou seja, os catadores adoecem mais que os não-catadores.

### **Fotografias**

Observou-se que, em relação à primeira categoria de fotos, quase todos os fotógrafos retrataram apenas o meio ambiente sadio, sem degradação. Isto foi reforçado nas falas dos entrevistados a respeito das fotos tiradas, indo ao encontro dos dados revelados nos questionários.

Entretanto, quando perguntados no questionário “o que faz parte do seu meio ambiente”, 58,82% dos moradores apontaram esgoto, 42,35% responderam poluição e 38,32% incluíram o lixo. Nota-se, portanto, uma discrepância entre respostas dos questionários e as imagens registradas. G. foi a única que mudou esta lógica, pois além da foto da natureza preservada de sua casa, buscou mostrar também o risco que o meio ambiente da vila oferece a seus moradores.

O que se nota é que não houve discrepância entre escolaridade e ocupação. Todos os fotógrafos seguiram o mesmo modelo de fotografia do meio ambiente. Lynch (1999) ressalta que, apesar da percepção ser muito pessoal, existe um consenso entre pessoas de um mesmo grupo. Foi o que aconteceu com o participantes nesta categoria de fotos.

As imagens do que gera poluição na vila tiveram quase uma unanimidade – o Arroio Passo Fundo. Sete dos nove fotógrafos registraram suas águas poluídas, sendo cinco destes catadores. Este dado chama atenção, pois, no questionário, 69,23% citaram lixo seco e orgânico nas ruas e no arroio como problema de meio ambiente. Entre os não-catadores, esse percentual chegou quase a 100%. Isso pode ser explicado pelo fato de que todos os catadores fotógrafos residem às margens do arroio, fato que não se repete entre os demais profissionais. Residir tão perto do arroio foi determinante na escolha da imagem. David e Weinstein (1987, apud Carvalho, 1993) apontam o valor simbólico que o ambiente imprime na percepção das pessoas. Provavelmente o local da residência foi significativo para o registro fotográfico. Bichos jogados no arroio e sujeira acumulada foram aspectos trazidos quase que exclusivamente por catadores.

O desperdício de água, citado por 70,83% dos não-catadores, foi fotografado apenas uma vez. O mesmo aconteceu com a poluição sonora, considerado problema ambiental por 56,94%. A mesma fotógrafa criticou a Prefeitura pela coleta de lixo. Esta queixa foi a mesma de 55,29% dos entrevistados, mas somente ela trouxe o assunto nas fotos. Aliás, esta moradora polemizou, ao afirmar que não vê outra alternativa para os moradores senão jogar lixo no arroio, devido à incompetência dos órgãos públicos. Retoma-se, assim, a já comentada característica dos moradores de espera por medidas assistencialistas. Baker (1968, apud Carvalho, 1993, p. 439) afirma que, mesmo morando em locais próximos, as pessoas tem suas singularidades e, portanto, seus comportamentos divergem. Nenhum catador comentou tais problemas nas imagens registradas.

Um das catadoras disse que apenas o lixo orgânico é poluição, o seco não. Isso apareceu com clareza nos questionários, pois 84,62% dos que desempenham a mesma profissão também acham que esse é um tipo de poluição. Lembra-se aqui que o lixo seco não foi apontado como poluente por nenhum catador.

Os desmoranamentos não foram pesquisados nos questionários, mas citados por duas fotógrafas.

V. e L. trazem implícita em suas falas a falta de consciência das pessoas. Considerando que 88,24% dos entrevistados citam isso como uma causa de problemas ambientais, pode-se notar

que a dispersão entre as respostas dos questionários e os dados trazidos pelos fotógrafos neste item foi grande.

Por fim, a categoria de fotos que representam perigo à saúde foi a mais heterogênea de todas, não pelas imagens registradas, mas pelo conteúdo trazido nas entrevistas.

Os ratos foram mencionados por cinco catadores e dois não-catadores. V. e M., por sua vez, vêem o lixo orgânico como prejudicial. Sosniski (2006) observou em sua pesquisa que os trabalhadores do lixo só conseguiam associar sua atividade profissional e riscos à saúde quando eram citados os ratos e a mistura de lixo seco e orgânico.

Outros animais foram citados como causadores de doenças. É importante salientar que duas catadoras demonstraram preocupação com a dengue, ou seja, a informação sobre os riscos de epidemia está chegando aos moradores.

A fumaça também esteve presente nas fotografias. Chama atenção que foram os catadores os que mais notam os perigos das queima de lixo. Rodrigues (1999) faz uma curiosa analogia entre o lixo e cadáveres. Para ele, quando se recicla ou queima o lixo, ele perde a sua identidade, que já era parcial. O mesmo acontece com os mortos, quando enterrados ou cremados. A pesquisa não levanta por que os catadores ateiam fogo no lixo, mas provavelmente é pra dar fim ao que já foi fadado ao fim. A fumaça é vista por todos os entrevistados como um poluente, independente da ocupação. Foi o único item em toda a pesquisa que obteve unanimidade entre os entrevistados. Porém, a porcentagem de percepção de fumaça como um poluente da vila cai para 61,54% entre os catadores e 76,39 entre não-catadores.

N. também citou a fumaça, mas não a que é produzida pelos catadores, e sim a que é liberada pela chaminés dos vizinhos, pois agrava problemas respiratórios da sua família. C, catadora de lixo, vê que o barro em volta da sua casa prejudica a saúde. E. teme pelos riscos de atropelamento de crianças por carros e carroças. Observa-se que os catadores citam aquilo que presenciam, como notam o impacto do meio da vila em suas vidas. Bronfenbrenner (1977) considera que o contexto é o fator mais importante na percepção, pois acredita que os sujeitos são resultados dos sistemas sociais, políticos, educacionais e ideológicos em que

estão inseridos. Já Carvalho (1993) pontua que a psicologia ambiental se configura em um sistema aberto, existindo um diálogo entre o sujeito e o contexto.

O arroio foi fotografado por alguns como gerador de doenças, mas L. contrapõe, afirmando que os verdadeiros responsáveis pelos danos à saúde são os que poluem a água. Sua frase “perigoso para a saúde dos moradores são os próprios moradores” conduz a reflexão sobre as responsabilidades pessoais em relação ao meio, bem como os resultados que a atitude de um gera na vila alheia. Apenas essa fotógrafa mencionou esse fato, provavelmente pelo seu grau de instrução mais alto que os demais (L. é a única participante que chegou à faculdade). Na ordenação geral, os moradores se colocaram um último lugar em relação a responsabilidade com meio ambiente da vila. Entre os moradores mais instruídos, esta opção subiu para o quarto lugar. Como foi bastante comentado, a escolaridade é fundamental na construção do senso crítico.

Finamente, a entrevista que mais mobilizou a autora desta pesquisa foi a de I., conselheiro de saúde. Ele trás o lixo como um gritante problema de saúde pública e pontua a falta de gestão e apoio à comunidade como os maiores perigos para a saúde dos moradores da vila. I. ressalta o papel do Estado de garantir a todos um meio ambiente saudável. Este é um direito constitucional e cabe ao poder público defender o meio ambiente para as presentes e futuras gerações (CONSTITUIÇÃO FEDERAL DO BRASIL, 1988). I. nota que verbas não faltam, e sim capacidade para gerenciar o dinheiro destinado à saúde e bem-estar da população. Escorel fala muito sobre a exclusão que as camadas mais pobres da sociedade sofrem, e o descaso ou pouca atenção dispensada pelos órgãos públicos ao meio da vila apenas reforça esta condição de marginalidade.

## **6. CONCLUSÃO**

A hipótese deste trabalho de que os problemas de meio ambiente estão associados à percepção ambiental é confirmada. As ações dos moradores na vila estão diretamente relacionadas à visão que eles têm do meio em que vivem. Esta visão, por sua vez, é fundamentada nas experiências e conhecimentos pessoais, bem como paradigmas sociais.

A escolaridade é determinante de um maior senso crítico, porém deste não resulta obrigatoriamente uma maior consciência ambiental. A escola é a maior fonte de informação sobre meio ambiente em qualquer grau de instrução ou ocupação, seguida das mídias transmitida e impressa. Em relação a ações, os entrevistados acham que cada um deve se responsabilizar mais pelo que é seu, porém se colocam em último lugar na ordem de responsáveis pelo meio ambiente da vila. Questões como educação ambiental e cuidado com espaços de lazer são consideravelmente menos realizadas. Nota-se que os moradores não se vêem como agentes sociais e, conseqüentemente, não se responsabilizam pelos espaços públicos. Soma-se a isto a tendência dos brasileiros de esperar por medidas assistencialistas.

Observou-se também significativas diferenças entre os que trabalham com lixo e os que não exercem essa ocupação. A percepção ambiental dos catadores está intimamente ligada a sua ocupação, portanto se distingue muito dos demais, principalmente por notar menos problemas de meio ambiente que aqueles que não trabalham com lixo. Tanto a ocupação quanto a escolaridade são fundamentais para a percepção do impacto que a poluição tem na saúde. A amostra revelou, no comparativo de percepção de doenças por ocupação, que os catadores têm mais problemas dérmicos e respiratórios que os não-catadores, porém estes notam mais disfunções de estômago e intestino. Conclui-se também que os trabalhadores do lixo adoecem mais que os demais profissionais, por apontarem mais sintomas de doenças na última semana.

Em relação às fotos, observou-se os fotógrafos registram o meio ambiente saudável, apesar de metade dos participantes do questionário terem assinalado poluição, esgoto e lixo. Nesta categoria fotográfica, não houve diferenças entre escolaridade e ocupação. O Arroio Passo Fundo, por sua vez, é o cartão de visita dos problemas ambientais da vila. Os animais, especialmente os ratos, foram os mais citados como causadores de doenças. Apenas parte das imagens e conteúdos trazidos nas entrevistas sobre as fotos casavam perfeitamente com os dados obtidos por meio quantitativos. A percepção e registros fotográficos dos geradores de poluição e prejuízos a saúde estão diretamente vinculados à escolaridade, ocupação e interação com o meio.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Maria de Fatima. **Do lixo à cidadania: estratégias para a ação**. 2.ed. Brasília: Caixa Economica Federal, 2007. 80 p.

BRASIL. Constituição (1988). Art. 225. In: **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. Disponível em:  
[http://inclusao.ibict.br/index.php?option=com\\_frontpage&Itemid=1](http://inclusao.ibict.br/index.php?option=com_frontpage&Itemid=1). Acesso em 28 maio 2008.

CABRAL, Sueli Maria. **Trabalhadores do lixo: o relato de uma pedagogia da desordem**. 2001. 135 p.

CAPRA, Fritjof. Educação. In TRIGUEIRO, André (Org). **Meio ambiente no século 21:21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento**. 1. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p. 19-33

CARVALHO, Mara Ignez Campos de Carvalho. Psicologia ambiental – algumas considerações. In: **Psicologia: teoria e pesquisa**. Brasília, v. 9, n. 2, maio/ago 1993.

CUCHUKOS, Maricel Noemí; ZMITROWICK, Witold. O papel do poder público municipal e dos cidadãos no gerenciamento do lixo urbano. In: **Boletim técnico da Escola Politécnica da USP**, Departamento de Engenharia de Construção Civil. São Paulo, SP. n. 324, 2002

DEL PINO, Mauro. Política educacional, emprego e exclusão social. In: GENTIL, Pablo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Org). **A cidadania negada**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 65-88.

DEPARTAMENTO MUNICIPAL DE LIMPEZA URBANA. **Educação Ambiental**. Disponível em <http://www.portoalegre.rs.gov.br/>. Acesso em 30 dez 2007

SCOREL, Sarah. Exclusão social e saúde. **Saúde em debate**. n. 43, jun 1994. p. 38-43.

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - PUCRS. **Diagnóstico Sócio-Ambiental da Vila Parque Santa Anita**. Não publicado. Porto Alegre, 2004.

GONÇALVES, Raquel De Souza. **Catadores de materiais recicláveis: trajetória de vida, trabalho saúde**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca. 2004. Disponível em: <<http://teses.cict.fiocruz.br/pdf/goncalvesrsm.pdf>>. Acesso em 08 jan 2008

ILHA das Flores. Direção e Roteiro: Jorge Furtado. Produção: Nora Goulart. Porto Alegre: Casa de Cinema. 1989. 1 videocassete (13 min), VHS, son., color

LANDIM, Fátima Luna Pinheiro; LOURINHO, Lídia Andrade; LIRA, Roberta Cavalcante Muniz et al. Uma Reflexão Sobre As Abordagens Em Pesquisa Com Ênfase Na Integração Qualitativo-Quantitativa. **RBPS**, n19 p. 53-58. 2006. Disponível em <<http://www.unifor.br/notitia/file/766.pdf>>. Acesso em 24 dez. 2007

LYNCH, Kevin. **A imagem urbana**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999

MICHAELLIS 2000: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2000

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Porto Alegre: 1999. p 7-32.

MOSER, Gabriel. A Psicologia Ambiental: competência e contornos de uma disciplina. Comentários a partir das contribuições. **Psicologia USP**. São Paulo: v.16 n.1-2 . 2005. Disponível em < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642005000100030&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642005000100030&lng=pt&nrm=iso) >. Acesso em 28 dez. 2007

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades8. **Caderno de pesquisa em administração**. São Paulo: vol 1, n. 3, 2º sem. 1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>>. Acesso em 24 dez. 2007.

PALMA, Ivone Rodrigues. Análise da percepção ambiental como instrumento ao planejamento da educação ambiental. 2005. 67p.

PARO, Vitor Henrique. Um objetivo político para a escola pública. In: PARO, Vitor Henrique. **Gestão democrática da escola pública**. São Paulo: Ática, 1997. p. 84-89.

PROFES, Marcos Berwanger. **Contribuições da percepção ambiental a intervenções mais sustentáveis em assentamentos precários em área de vulnerabilidade ambiental : caso Ilha Grande dos Marinheiros**. 2006. 17p.

RODRIGUES, José Carlos. **O corpo e a história**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 1999. 198p.



SANTOS, Aristides Faria Lopes. **Educação ambiental: desenvolvendo o senso crítico.** Disponível em: < <http://www.apoema.com.br/EA-Desenvolvendo%20o%20Senso%20Critico-Aristides.pdf>>. Acesso em 28 maio 2008.

SILVA, Cássia Milena Souza da. **A percepção ambiental de moradores de comunidades carentes – ZEIS Brasil.** Disponível em <<http://www.cefetpe.br/cefetpe.br/novosite/gepp/pibic0506/cassiamilena.pdf>> Acesso em 10 out. 2007

SILVA, Maria Cristina Viñas Gomes da Silva. O papel da mídia na mudança de atitudes e comportamento com relação a questão ambiental. **Ecos Revista**. Pelotas: v.2, n. 2, ago 1998.

SOSNISKI, Cristina. **Repensando fronteiras entre o lixo e o corpo: estudo etnográfico sobre o cotidiano de recicladores, catadores e carroceiros na Ilha Grande dos Marinheiros.** 2006. 130p.

TASSARA, Eda Terezinha de Oliveira. Psicologia Ambiental e futuro - reflexões geopolíticas sobre Política Ambiental. **Psicologia USP**. São Paulo: v.16 n.1-2, 2005. Disponível em : <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642005000100027&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642005000100027&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 28 dez. 2007



6) *Existem problemas de meio ambiente na sua comunidade?*

- nenhum ( )  
poucos ( )  
muitos ( )

7) *Os problemas ambientais que existem são:*

- leves ( )  
médio ( )  
graves ( )

8) *Os problemas ambientais incluem:*

- |                         |  |
|-------------------------|--|
| desperdício de água ( ) | lixo seco nas ruas e no arroio ( )     |
| desperdício de luz ( )  | lixo orgânico nas ruas e no arroio ( ) |
| desmatamento ( )        | fumaça ( )                             |
| fezes de animal ( )     | barulho ( )                            |
| químicos tóxicos ( )    | outros ( )                             |

outros: \_\_\_\_\_

9) *As causas dos problemas ambientais incluem:*

- |                         |                                      |
|-------------------------|--------------------------------------|
| falta de saneamento ( ) | falta de consciência comunitária ( ) |
| carroças ( )            | falta de conhecimento ( )            |
| animais soltos ( )      | coleta de lixo ruim/ineficaz ( )     |
| outros ( )              | falta de um galpão de reciclagem ( ) |

outros: \_\_\_\_\_

10) *Para melhorar o meio ambiente, você:*

- separa o lixo para reciclagem ( )  
economiza água ( )  
economiza energia e gás ( )  
reusa embalagens plásticas ( )  
não joga lixo nas ruas ou arroio ( )  
ajuda na educação ambiental da comunidade ( )  
cuida das praças e espaços de lazer ( )  
outros ( )

outros: \_\_\_\_\_

11) *Para melhorar o meio ambiente, você estaria disposto a:*

- separar o lixo para reciclagem ( )  
economizar água ( )  
economizar energia e gás ( )  
reusar embalagens plásticas ( )  
não jogar lixo nas ruas ou arroio ( )  
ajudar na educação ambiental da comunidade ( )  
cuidar das praças e espaços de lazer ( )  
outros ( )

outros: \_\_\_\_\_

12) *Você acha que a responsabilidade pelo meio ambiente da vila é, nesta ordem:*

- governo federal e/ou estadual ( )  
prefeitura municipal ( )  
associação de moradores ( )  
você ( )  
cada morador ( )

caminhão de lixo (DMLU) ( )

13) *Você tem contato direto com poluentes em suas atividades diárias*

sempre ( )

freqüentemente ( )

metade do tempo ( )

as vezes ( )

nunca ( )

14) *Com quais poluentes tem contato em suas atividades diárias?*

Produtos químicos ( ) Fumaça ( )

lixo seco ( ) Ruído/ Barulho ( )

lixo orgânico ( ) água do arroio ( )

outros ( )

outros: \_\_\_\_\_

15) *A poluição no meio ambiente da vila afeta a sua saúde*

concordo ( )

concordo em parte ( )

não sei ( )

discordo em parte ( )

discordo ( )

16) *Percebe em você problemas de pele*

sempre ( )

freqüentemente ( )

metade do tempo ( )

as vezes ( )

nunca ( )

Quando?

última semana ( ) último mês ( ) último ano ( ) últimos 5 anos ( )

17) *Percebe em você problemas de pulmão*

sempre ( )

freqüentemente ( )

metade do tempo ( )

as vezes ( )

nunca ( )

Quando?

última semana ( ) último mês ( ) último ano ( ) últimos 5 anos ( )

18) *Percebe em você problemas de estômago e intestino*

sempre ( )

freqüentemente ( )

metade do tempo ( )

as vezes ( )

nunca ( )

Quando?

última semana ( ) último mês ( ) último ano ( ) últimos 5 anos ( )

**ANEXO B – Categorias de fotos**

- 1) Tire duas fotos do meio ambiente da Vila Parque Santa Anita
- 2) Tire duas fotos do que você acha gera poluição na vila
- 3) Tire duas fotos de algo na vila que você acha perigoso para a saúde dos moradores

**ANEXO C -Termo de consentimento livre e esclarecido (questionário)**

Prezado(a) participante:

Sou estudante do curso de pós-graduação de Especialização em Saúde Pública, do Departamento de Medicina Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Estou realizando uma pesquisa sob supervisão do professor Paul Fisher, cujo objetivo é compreender a percepção que os moradores da Vila Parque Santa Anita têm sobre o meio ambiente.

Sua participação envolve: uma entrevista com a duração aproximada de 10 minutos. A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a).

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora, fone 9189 6046 ou pela entidade responsável – curso de Especialização em Saúde Pública da UFRGS – fone 3308 5327

Atenciosamente

\_\_\_\_\_

Helena Salgueiro Lermen

Pesquisadora

CRP 07/16035

\_\_\_\_\_

Local e data

\_\_\_\_\_

Paul Fisher, PhD

Professor/orientador

**Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.**

\_\_\_\_\_

Nome

\_\_\_\_\_

Assinatura do entrevistado

\_\_\_\_\_

Local e data

**ANEXO D- Termo de consentimento livre e esclarecido (fotografias)**

Prezado(a) participante:

Sou estudante do curso de pós-graduação de Especialização em Saúde Pública , do Departamento de Medicina Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Estou realizando uma pesquisa sob supervisão do professor Paul Fisher, cujo objetivo é compreender a percepção que os moradores da Vila Parque Santa Anita têm sobre o meio ambiente.

Sua participação envolve: fotografar a Vila Parque Santa Anita com a câmera fornecida por mim e responder perguntas sobre as fotos tiradas. Assinando este termo, você cede os direitos sobre as imagens fotografadas. A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo(a).

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora, fone 9189 6046 ou pela entidade responsável – curso de Especialização em Saúde Pública da UFRGS – fone 3308 5327

Atenciosamente

\_\_\_\_\_  
Helena Salgueiro Lermen

Pesquisadora

CRP 07/16035

\_\_\_\_\_  
Local e data

\_\_\_\_\_  
Paul Fisher, PhD

Professor/orientador

**Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.**

\_\_\_\_\_  
Nome

\_\_\_\_\_  
Assinatura do entrevistado

\_\_\_\_\_  
Local e data